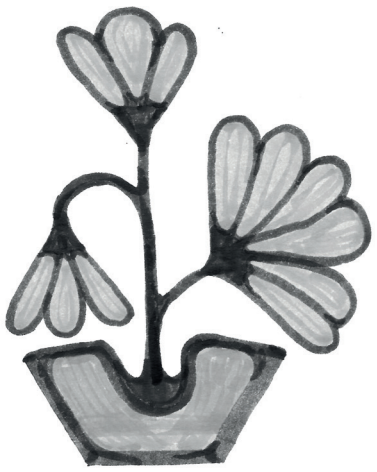
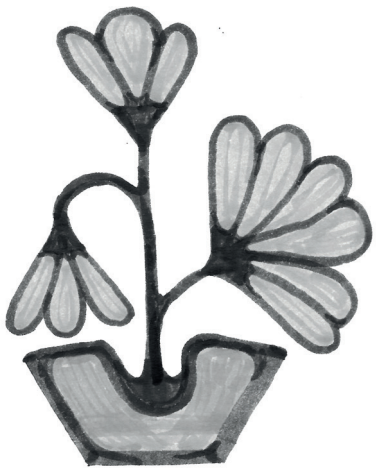
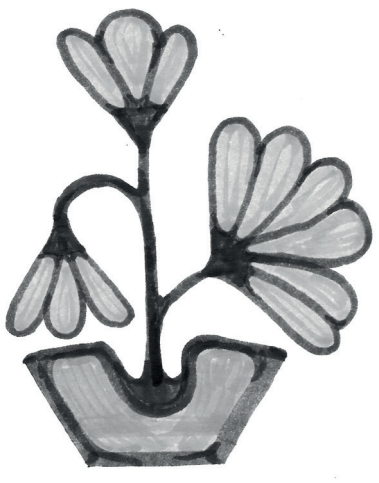




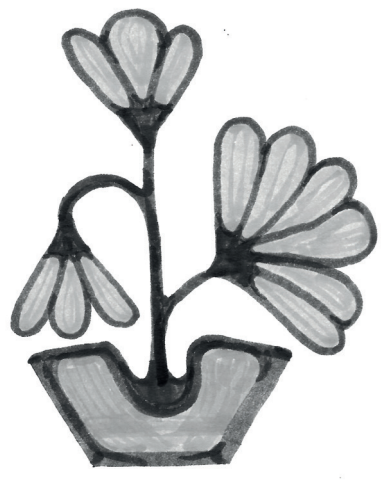
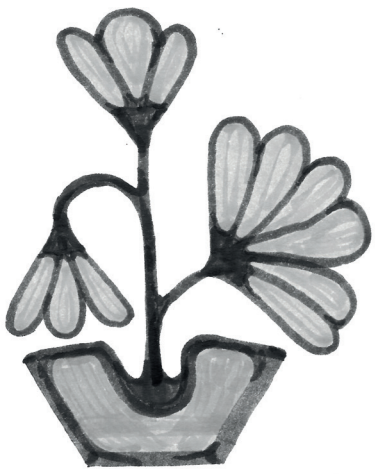



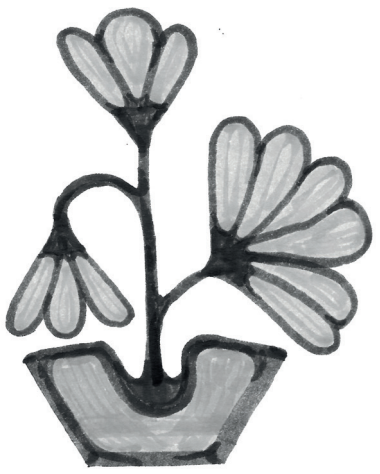
RelevO

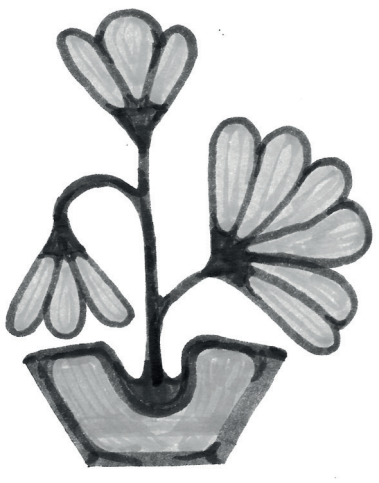
Novembro de 2026
número 3 // ano 17

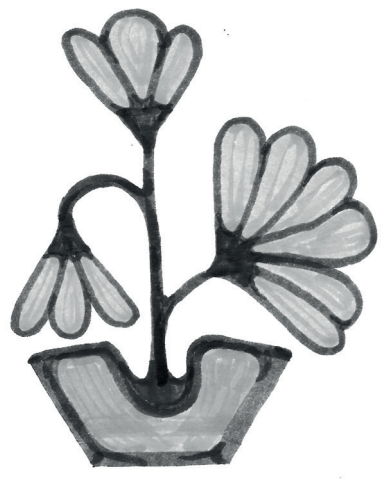
ISSN 2525-2704

Periódico literário independente feito em Curitiba-PR desde setembro de 2010

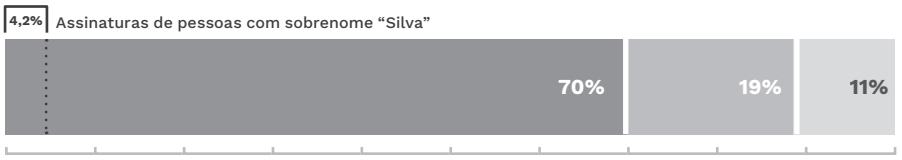




DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



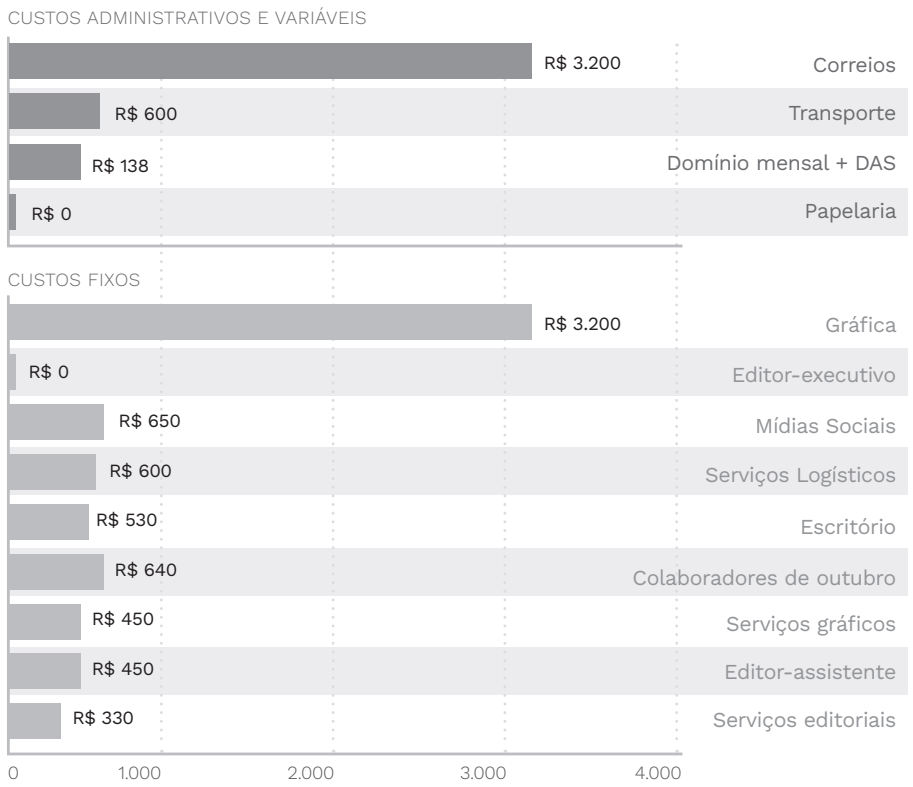
ASSINATURAS ● ..... *R$ 7.350*

R$ 30 Iuri Losito; **R$ 80** Jenyffer Bittencourt; Lucas Brolacci; Nícolas Wolaniuk; Pedro Luz; Natalia Azevedo; Weslley Pinheiro; Pedro Aragão; Odair de Luca Junior; Leonardo Oliveira; William Sbizera Saab; Arthur Amorim; Ben-Hur Demeneck; João Alexandre; Fernanda Ramires de Carvalho; Francisco Mecking; Damião Seridó; Marleth Silva; Pedro da Cruz Marques; Suellen Alves; Rodrigo Vaz; Renata Silva Pinto; Ivana Mayrink; Lia Lins; André Gobi; Isabelle Eler; Ariel Boaz Costa e Silva; Paulo Medeiros; Otto Winck; Wagner Giaretta; **R$ 90** Carol Baumgratz; **R$ 100** Eleazar Carrias; Daniel Montoya; Diana Visconti; Mariana Abram; Raísa Cavalcante; Rômulo Cardoso; William Soares dos Santos; **R$ 120** Eduardo Baggio; Deborah Pires de Souza; Jordana Machado; Priscila Figueira; Maris Stelmachuk; Alexandre Boide; **R$ 160** Frederico Mendez Wissmann; Marcelo Cardoso; Eduardo Zanatta Leite; Mateus Netzel; Leandro de Melo Félix; André Portugal; Daniele Delgado; Adri Girassol; Corina Tuyama; **R$ 200** Ana Amália Alves da Silva; Eduardo Bueno de Oliveira; Yvana Nerino; **R$ 240** Damaris Pedro; **R$ 250** Rinaldo Batista Pereira; **R$ 300** Julia Lerro Rocca; Maria Helena da Nóbrega; **R$ 360** Thainá Carvalho

ANUNCIANTES ● ..... *R$ 2.020*

R$ 50 Livraria Maria e Francisco; Rede Macuco; **R$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R$ 100** Alvaro Divardin; André Giusti; Museu do Livro Esquecido; **R$ 200** Walisson Oliveira; **R$ 300** Pato Osteria; **R$ 450** Maniacs; **R$ 600** Editora Coragem

CONSULTORIAS ● ..... *R$ 1.150*



JÁ TIVEMOS RESULTADOS PIORES

- Entradas totais: R$ 10.520
- Saídas totais: R$ 10.788
- Resultado operacional: R$ -268



EXPEDIENTE



Novembro 2026

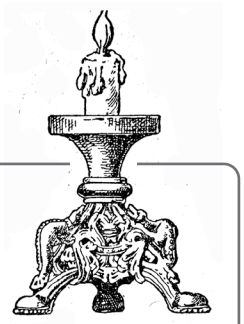
Editor ..... Daniel Zanella
Editor-assistente ..... Mateus Ribeirete
Ombudsman ..... Thainá Carvalho
Revisão ..... Samanta Maia
Projeto gráfico ..... Bolívar Escobar
Logística ..... Damaris Pedro
Advogado ..... Rafael Estorilio
Impressão ..... Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Nícolas Wolaniuk *p.6* Ivana Mayrink *p.8* Marleth Silva *p.10* Paul Valéry (Trad. Walisson Oliveira) *p.11* Ivo Korytowski *p.16* João Alexandre *p.18* Angélica Ferreira Silva *p.20* Nanni Falconi (Trad. Xavier Vásquez Freire) *p.21* Gabriela Mistral (Trad. Ruth Sylvia de Miranda Salles) ***contracapa***

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Rinaldo Batista



Edição finalizada em 27 de outubro de 2026.

DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Natalia Azevedo. Você pode conhecer mais do trabalho dela em instagram.com/nat.azevedoart.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Playfair, um projeto tipográfico *open-source* conduzido pelo designer dinamarquês Claus Eggers Sørensen desde 2011.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



CARTAS

REFRIGÉRIO DA ALMA

Marcelo Ribas • Vocês do **RelevO** têm uma missão: trazer refrigério à alma em tempos difíceis. Obrigado por resistirem há tanto tempo!

Lucas Scandura • Qualquer semelhança com a realidade é mera tentativa de golpe. Eu aqui lendo o **RelevO** e me dei conta que tem uns Pepeco da vida absurdamente real tentando virar presidente.

> Domingo,
> vamos deixar essas ideias erradas
> e esses personagens medonhos
> na ficção
>
> o mundo real já tá bem assustador
> fantasmagórico
>
> as pessoas já tão literais demais
>
> os personagens já tomaram conta,
>
> mas ainda dá tempo de um final feliz.
>
> Vote com amor
> não com ódio.

Eduarda Molina • Por favor, me digam que o Pepeco existe para além da imaginação. O nosso pequeno Macunaíma é um fantasma na internet ou será que terei que pegar uma lista telefônica para investigar ele?

Cecília Polycarpo • Eu não sou autora, não sou poeta, não sou nada. Tive, durante dez anos, meu nome, como repórter, no jornal. Mas isso não conta. Só que, de uns tempos pra cá, comecei a escrever umas estrofes para alívio mental. O belíssimo jornal literário **RelevO** achou que esses rabiscos valiam a tinta e publicou três poemas na edição de outubro. Foi uma mistura de "crlh que vergonha" com "que massa isso". Amigos das Letras, assinem o RelevO. Dito isso, tem também um prensadinho dessa turma gostosa dos últimos meses, pra não desperdiçar o post. E votem 13.

Thaís Cunha • Em março, no aeroporto de Phnom Penh, na capital do Camboja, dei de cara com o livro *Slow Noodles* na prateleira. Comprei, li e fiquei totalmente obcecada pela história de Chantha Nguon. Acho que falei sobre esse livro e sobre o poder da cozinha cambojana com todas as pessoas que cruzaram meu caminho desde então, mas eu queria mais. Depois de devorar o livro e o *fish amok* que preparei com base em uma das receitas, mandei um e-mail para Chantha e para Kim Green. Comecei falando sobre como o livro me deixou com um apetite enorme pela vida e acabei traduzindo o ensaio "The Gradual Extinction of Softness", publicado em 2021 na revista *Hippocampus*, assinado pela dupla com trechos do que viria a ser o *Slow Noodles*. O texto está na luxuosa edição de setembro do **RelevO,** que está fazendo 16 anos. A edição de setembro está disponível no site do Jornal, mas minha recomendação é que você assine e descubra esse trabalho independente, lindo, longevo, corajoso.

Brenno Costa • Capa foderosa da Iara Maica.

Paola Magni • A Iara Maica é uma artista maravilhosa.

Fazia Poesia • Qual o segredo de tamanho sucesso?

> **Jornal RelevO** • Ter um banco & festas com famosos!

Eduardo Zanatta • Fico muito feliz em poder acompanhar e presenciar isso tudo. Acredito muito no trabalho de vocês. O mundo fica bem menos chato. Vida longa ao RelevO!

NRIQ • Mini-comentário sobre a edição de setembro. Manuel Bandeira escreveu o seu "Poema Retirado de Uma Notícia de Jornal". Já Rodrigo Geraldi escreveu o seu conto retirado de uma polêmica da internet, "O Curioso Caso de Tamara Klink". Ideia e execução excelentes.

André Portugal • Salve, Jornal. Tudo bem, e por aí? Cara, a satisfação é minha em assinar novamente. Me deparei com um exemplar do **RelevO** ali no Royalty Café (Curitiba-PR) e decidi retomar a assinatura pelo prazer de ler textos humanos bem escritos, sobretudo o último editorial. Sucesso! Abraços.

Marília Kodic • Pessoal, que texto bom esse "Jornal **RelevO** investiga possível rebranding do banco central americano"! Adorei. Voltei a assinar. Parabéns! Beijos.

Alvaro Torres Jr. • Olá, pessoal do **RelevO**, gostaria de avisar que mudamos de endereço aqui em Ponta Grossa e gostaríamos muito de continuar a ser um ponto de distribuição deste Enclave literário. Valeu e continuem na luta, assim como nós, que estamos aí. Em 2027, comemoramos 30 anos de história e muitos deles com a companhia dos amigos. Então, assim como vocês, seguimos na luta diária para nos manter vivos (já se vão 30 anos), mas livraria de rua em tempos de e-quasetudoaumclique está cada vez mais complicado. Mas, deixando as agruras de lado, seguimos firmes, nos adaptando a esta nova realidade, e agora em novo endereço. Se vierem para PG, venham aqui na Verbo Livraria, seria ótimo. Queremos seguir sendo um bastião de resistência ao digital.

Paula Zarth Padilha • Oi, Jornal, bom dia, tudo bem? Escrevo para solicitar a alteração do meu endereço para recebimento do **RelevO**. Lá vou eu recomeçar a vida, uma nova mudança de casa, tudo novo de novo, mas quero garantir que as minhas leituras me acompanhem. Aproveito para deixar registrado que estou gostando bastante dessa pegada das edições mais recentes nas traduções. É pancada demais acessar outras vidas e culturas pela literatura. E parabéns por mais um setembro em volta do sol.

DESPEDIDAS E CHEGADAS

Helena Luiz • Adorei ler a ombudsman: "Por mais que deteste a divisão dos territórios em países (o mundo deveria ser de todos os seres)..." (encontro tão poucas pessoas que sentem, ou que expressam isso) e "É preciso, em algum momento, respirar fundo para controlar o desastre iminente, caso contrário o que nos espera é uma queda livre" (li em 5 de outubro de 2026).

Macabéa Edições • Anúncio de ombudsman nova, a Thainá Carvalho, e ser semifinalista do Jabuti no mesmo dia não é pra qualquer um, não!

Marcelo Ribas • Vejo o post do **RelevO** e vejo o quanto estou atrasado na leitura do meu jornal do coração. Amava a ombudsman anterior, muito profissional e dedicada! Agora seja bem-vinda a nova ocupante do cargo!

> **Jéssica Trombini** • Tenho uma dúvida: o ombudsman anterior foi demitido por reclamar demais? Ou cansou de reclamar e se demitiu?
>
> **Priscila Branco** • Eles me mandaram embora porque não me aguentavam mais (mentira, a vaga é rotativa e dura no máximo 9 meses).

FILME DO JORNAL

Leonardo Migdaleski • *Les Cachacers du Cinéma*

Mateus Senna • O esquisitinho que parece o Al Pacino jovem é muito engraçado.

Elisama Oliveira • Me diverti! Bom demais estar presente nesse dia.

Bruno Greggio • Até ler este post do DVD do filme do Jornal, eu tinha feito uma promessa de só gastar com o essencial até o fim do mês. Ainda bem que o essencial, assim como as promessas, é invisível aos olhos (dos outros). Além do mais, eu tenho um DVD player, o que me trouxe uma estranha sensação de obrigação..

Lucas Brolacci • Sério, eu amei isso, peguei hoje a edição de agosto e parabéns pelo trabalho!

Adriana Massocato • Vocês são tão bacanas! Sério! Comunicação incrível. Tão raro hoje em dia que é preciso dizer.

Yvana Nerino • O trabalho de vocês é impecável. Espero que continuem e se mantenham com cada vez mais assinantes. Eu estou trabalhando em uma biblioteca escolar. Vou separar algumas edições pra trazer pra cá e deixar um "canto da banca" Queria autorização pra imprimir o mascotinho pra deixar junto. E só lembrei de falar com vocês por conta disso kkkkkkkk

Adriana Girassol • Muito feliz de poder continuar com vocês. Tamo junto! Pela cultura, pela vida.

Paulo Medeiros • Bom dia! Tudo tranquilo e com você? Que legal o próprio editor me responder :) Gostei muito do Jornal. Meu irmão está morando em Curitiba e me apresentou, achei o material excelente.

UM DIÁLOGO

> **Jornal RelevO** • Oi, Helen. Tudo bem? Que tal assinar o **RelevO** novamente?

Helen Mendes • Agradeço! Mas não é meu tipo de literatura.



APOIADORES



MANIACS
Brewing Co.



bancatatui.com.br / Desenho por Ángela León

Em dúvida sobre suas próximas férias?



você tem
*um **livro de poesia?***
nós temos
*seus **leitores***
envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



EDITORIAL

E o mundo (ainda) não acabou (ou por que nem todas as águas são cor de afogamento)

De tempos em tempos, e agora em intervalos cada vez mais curtos, o mundo parece empenhado em repetir seus piores capítulos. Mudam os sorrisos das múmias, as caricaturas grotescas, os animais raivosos, as bandeiras e as camisetas, os meios de disseminação de informação e até os inimigos imaginários, mas certas ideias continuam encontrando maneiras de voltar ao púlpito, como se estivéssemos diante de ventríloquos históricos. O autoritarismo troca de roupa, a escória soa como arauto, a intolerância aprende novas palavras e a mentira descobre tecnologias mais eficientes para se apresentar como verdade, um conceito tão, tão... relativizado que chega a dificultar a vida dos escritores de *sci-fi*.

Se observarmos com algum distanciamento, as ameaças à democracia não surgem necessariamente de grandes rupturas: muitas vezes, começam com pequenas concessões, com o desprezo pela identidade do outro, com a naturalização da violência e com a ideia de que alguns direitos são negociáveis. O mais desconcertante é perceber que a humanidade, apesar de toda a experiência acumulada, continua muito bem-disposta a cometer erros que já deveriam ter saído de catálogo – e nossa memória sofre até para assimilar eventos recentes. [Nunca subestimar a incapacidade humana de aprender com as próprias ruínas.]

Seria confortável acreditar que atravessamos um período excepcional e que, passada a turbulência do período eleitoral recente, tudo voltará ao seu devido lugar. Mas a história não funciona assim. Forças obscuras sempre encontrarão oportunidades para reaparecer, especialmente em sociedades marcadas pela desigualdade, pelo medo e pela dificuldade de conviver com as diferenças. É o caso do Brasil ou de qualquer democracia vigiada pelo capital especulativo e por forças extrativistas. A democracia, afinal, não é uma conquista que se guarda numa gaveta depois de alcançada. É um exercício cotidiano, frequentemente cansativo, que exige participação, vigilância e disposição para o diálogo (em tempos de gritaria). Um dos maiores equívocos do nosso tempo é justamente imaginar que a defesa de uma sociedade democrática cabe exclusivamente às instituições, aos políticos ou aos resultados das urnas.

A literatura continua, de algum modo, contando e atravessando a vida e o tempo. Escrever não deixa de ser uma maneira de contar o mundo, mas também de interrogá-lo, contradizê-lo e imaginar aquilo que ainda não existe. Um poema não derruba um governo, um conto não revoga uma lei injusta e um romance dificilmente convence um bruto a abandonar suas convicções depois de três capítulos (até porque o bruto dispensa romances). Ainda assim, a literatura preserva experiências, amplia perspectivas e impede que uma única versão da realidade se imponha como definitiva. Não é incomum perceber que governos autoritários ajam tanto na direção da supressão de determinados conteúdos literários como se estes fossem fantasmas escondidos no banheiro. Isso de ler parece perigoso, e não à toa vivemos em um período de desestímulo aos hábitos que possam ocasionar pensamento um pouco mais elaborado. Como dizia Cioran, "mais que um erro de fundo, a vida é uma falta de gosto que nem a morte, nem mesmo a poesia, conseguem corrigir".

O **RelevO**, cujo programa principal é respirar, depois pensar, depois rir do que pensamos, existe dentro de uma convicção que envolve a liberdade de expressão, a pluralidade de ideias e a literatura como estratégia de enfrentamento ao pensamento homogêneo. Há mais de 16 anos, publicamos literatura em papel, apostando em uma atividade que, segundo os diagnósticos mais pessimistas, já deveria ter desaparecido algumas vezes. Seguimos circulando por cidades brasileiras, reunindo autores, leitores, colaboradores e pessoas que acreditam que a produção literária merece espaço fora dos grandes circuitos comerciais. Não pretendemos salvar a literatura brasileira, tampouco oferecer respostas para os grandes impasses da civilização. Nosso trabalho é muito mais modesto e, justamente por isso, bastante concreto: fazer com que textos encontrem leitores, que escritores encontrem espaço e que diferentes maneiras de compreender a vida possam coexistir nas mesmas páginas.

Nada disso acontece isoladamente. Um jornal independente é, antes de qualquer coisa, uma construção coletiva. Depende de quem escreve, de quem lê, de quem compartilha, de quem assina, de quem anuncia e de quem compreende que a continuidade de um projeto cultural não é responsabilidade exclusiva de seus realizadores. Comunidades não se sustentam apenas por afinidades: precisam de vínculos, envolvimento e ações mensuráveis, como assinar, anunciar, divulgar. Temos prestação de contas como compromisso com a transparência e como forma de traduzir nossas ações, dificuldades e limitações em algo tangível. Não gostamos de parecer vítimas, mas acreditamos que a transparência também seja uma forma de fortalecer os vínculos com quem nos acompanha.

Não sabemos quais serão os próximos capítulos da política brasileira, nem quantas vezes ainda precisaremos enfrentar velhos fantasmas apresentados como novidades. Por ora, estamos aliviados. Consideramos o **RelevO**, este romântico abatido até o cinismo, um veículo progressista, alinhado às ideias que promovam liberdade cultural, direitos humanos, diversidade e democracia. Ou seja, um conjunto de valores desgastados por discussões que geralmente atuam na direção da redução de seus lastros e efeitos. Sabemos, enfim, que nenhuma sociedade se torna mais democrática quando seus cidadãos desistem de pensar, criar ou participar. O mundo continuará produzindo suas contradições, e alguém sempre tentará transformá-las em medo, silêncio e obediência. De nossa parte, continuaremos publicando porque acreditamos que uma sociedade também se define pelas histórias que permite contar. Essa continuidade não depende apenas da nossa vontade.

Enquanto houver uma comunidade disposta a financiar o nosso jeito de estar no mundo, seguiremos por aqui.

Ufa!

Boa leitura a todos. ®

OMBUDSWOMAN

O caos democraticamente literário do riso

Thainá Carvalho

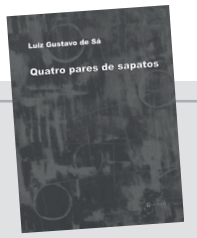
Escrevo esse texto um dia antes de 25 de outubro de 2026.

Estou ansiosa, mas medicada. Aflita, porém disciplinada. Ébria, todavia equilibrada. Descrente, entretanto orando. Desesperada, contudo desesperada. Não sei em que contexto social e político minhas palavras chegarão às caras pessoas leitoras desse jornal-resistência. Sigo escrevendo imaginando a ficção dos próximos dias e as fortes causas que precisaremos nos dar para seguir com qualquer ato criativo insurgente ao levantar da cama, porque um fato independe do resultado de amanhã: o conservadorismo nos consome.

Por isso, nessa edição não reclamo um pio, um tico, um milésimo. Ao contrário, gostaria mesmo é de questionar como um país que dispõe dessa publicação impressa vitalmente bem-humorada insiste em seguir por um caminho tão sem graça quanto o do reacionarismo. Verdade: algumas figuras à direita nos presenteiam com boas doses de ironias e hipocrisias, que invariavelmente arrancam uns risinhos negacionistas nossos. Mas, poxa, desse lado de cá é tão mais legal, temos nossos próprios pianos rolando sem sentido algum pela rua. Tem jornal fazendo café, lançamento de filme pra quase ninguém, pirateamento autoral do audiovisual, diagramador colocando nomes em lugares errados, leitor ameaçando mandar poema, anúncio que ninguém sabe se é real ou é piada. Não era pra gente estar se preocupando com o apocalipse, sabe? Não nos cai bem. Liberté, Egalité, Fraternité, Relevé e pronto.

Mas bom, amanhã é amanhã e a gente não sabe de nada. O que quero destacar é como foi essencial, nessas últimas semanas, poder contar com os risos que um espaço de liberdade literária como o RelevO nos proporciona. E, afinal, é sobre essa possibilidade de encontro fugaz com a pessoa leitora que se traduz a verdadeira utilidade de um veículo que informa, divulga e divaga literatura no Brasil. A quem vem dar nesse rolê, acho importante explicar logo que, por aqui, se ri. Olhamos pra nós mesmos e não nos levamos tão a sério porque a relevância de um conteúdo reside sobretudo na forma como ele vai tocar quem lê e, no fundo, não podemos controlar isso, por melhor que a ombudswoman seja. Seguimos escrevendo agora sem saber como, quando e que olhos nos verão. Vai se editando, futucando o caos entre tradução de Sylvia Plath, Macbet e uma lista de locais de distribuição com veracidade inapurável.

Então, nessa edição que se escreve faltando poucas horas para o dia 25 de outubro de 2026, não reclamo, não trago críticas nem elaboro muxoxos ao fazer editorial. Deixo as pessoas profissionais e leitoras desse jornal felizes, porque quando essas páginas chegarem a todas nós, é só isso que vamos querer: a certeza de que sempre podemos sorrir com a literatura.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: "eu tenho quatro tipos de pés".

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadrinharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos "lugares comuns", o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/





Preste atenção.

Existe alguém tomando decisões na sua vida que você não conhece.



A psicanálise costuma chamá-lo de inconsciente.
Quero ser cupido do seu encontro consigo.

Elisa Goltz Kumov
Psicóloga e Psicanalista
CRP 08/43385

Nemigalhas na querela das biografias ou uma espécie de carta de leitor

Nícolas Wolaniuk

No fim da década de 1960, Roland Barthes tomou a Bastilha em sete páginas e todos os seus leitores se dividiram entre lustrar as tábuas do patíbulo e afiar o fio da guilhotina. Em uma sequência ininterrupta de frases lapidares, o teórico francês pôs no banco dos réus, julgou e condenou o autor, culpado doravante de todas as más leituras. Mas se, nesse pátio imaginário onde Barthes continua a arregimentar carrascos, um só de seus ouvintes, depois de levantar a mão, fizesse a pergunta certa, o acusador estancaria em mutismo embasbacado e sua retórica esvaziaria como um balão num alfinete. "Senhor Barthes", diria tal pessoa, "se me permite.. com todo respeito... eu entendo bem a problemática colocada... e entendo que a atenção despendida ao autor tenha sido, com tanta frequência, um prejuízo para a literatura... mas não consigo deixar de pensar em um problema, senhor Barthes, que a sua proposta coloca para os leitores de todo mundo... com todo respeito, senhor Barthes... se o autor morreu, senhor Barthes... quem é que nós vamos cancelar nas redes sociais?".

O melhor jeito de cortar a cabeça de um rei é convencer a burguesia de que o reino cabe dentro dela. Para reivindicar sua morte, Barthes deificou o autor. Haveria um punhado de caminhos de pensamento contemporâneos a ele — a psicanálise, pra começar — para afirmar que o autor não é a fonte solitária da literatura, mas apenas um catalisador mais ou menos capaz de coisas que o ultrapassam e atravessam ou, na imagem de Seán Burke, um prisma que, ao receber a incidência de raios luminosos dispersos, os arranja de um jeito mais ou menos interessante. Tanto fazia, pois eram tempos de sedição iconoclasta e, ao proclamar a dinâmica sacrificial em que a morte do autor pagaria pelo nascimento do leitor, Barthes comungava da amplidão que Nietzsche alega sentirem os espíritos livres frente ao mar aberto na aurora que se segue à morte de Deus.

Tem gente que chuta o pau da barraca para vê-la derrubada, tem gente que chuta o pau da barraca pra vê-la cair. Barthes talvez não fosse um jacobino, mas penso que derivaria um prazer estético ao assistir à Revolução. Que se leia *Sade Fourier Loyola* para conhecê-lo, por completo: um tarado por literatura, desses despudorados que fazem má figura nas rodas bem-pensantes ao confessar, em voz alta, em plena luz do dia, que sentem prazer em ler. Foucault, pouco depois, ainda na mesma década, cantou a bola, na sua conferência "O que é um autor?": "pensar a escrita como ausência não seria muito simplesmente repetir em termos transcendentais o princípio religioso da tradição simultaneamente inalterável e jamais realizada, e o princípio estético da sobrevivência da obra, de sua manutenção além da morte, e do seu excesso enigmático em relação ao autor?". Talvez o que Barthes quisesse e não soubesse pedir era permissão para ler a literatura de humanos empíricos como se fosse escrita por Deus. O fato de que sua retórica apontasse para o regicídio foi uma simples inadequação do fermentário. Estivemos todos lá: na falta de saca-rolhas, abre-se o vinho com um sapato.

Para explicitar o que se quer dizer, entremos na biblioteca de Alexandria, nos primeiros anos da era comum. Lá, Fílon, um helenista judeu, compulsa obras mosaicas e platônicas. No Gênesis, Fílon percebe que o homem é criado duas vezes. A primeira acontece no sexto dia: Deus, aqui chamado de Elohim, cria, falando, homem e mulher juntos e os designa, falando, à reprodução e à presidência da natureza. Desses é dito serem sua imagem e semelhança. Na segunda, Deus, aqui chamado de JHWH Eloim, molda o homem a partir do barro e sopra a vida nas suas narinas. É nesse segundo relato que a primeira mulher, que se chamará Eva, vem das costelas do primeiro homem, que se chamará Adão. A filologia moderna chegou à conclusão de que essa repetição (e inúmeras outras presentes no texto bíblico) se deve ao processo de composição por justaposição de fontes. Fílon de Alexandria teve outra ideia. Propôs, em *De opificio mundi*, que os primeiros humanos, criados pela palavra, à imagem e semelhança de Deus, fossem o homem e a mulher imateriais, percebidos apenas pela intelecção: o humano do mundo das ideias. O segundo homem, moldado em barro, em silêncio, seria o homem perceptível pelos sentidos devido à materialidade de seu corpo, o humano do mundo sensível. Fílon pôde chegar a essa saborosa conclusão porque lia Platão em "excesso enigmático" com relação a Platão, isto é, de modo semelhante aos textos que lhe pareciam divinamente inspirados. Para Fílon, Moisés e Platão concordam: ambos trazem a mesma verdade, de perspectivas diferentes.

O corolário desse modo de ler é a copresença de tudo que importa e a ambição totalizante da intuição compartilhada entre autor e leitor. Fílon parte do pressuposto de que Moisés, Platão e ele próprio moram no mesmo cosmos, olham para as mesmas estrelas e, a paralaxe, longe de ser sinal da incomensurabilidade de suas perspectivas, é o fiador da certeza da *co-habitação*. O contrário disso, o modo contrário de ler, supõe uma descontinuidade cósmica, de forma que seja inacessível a cada posição os objetos vistos de outra. Partindo daí, estamos restritos a comparações. Cada um fala de si e dos seus, em incompatibilidade prática: todo leitor e todo autor é um cão que conhece apenas seu jardim e, na tentativa de protegê-lo, ladra para os passantes que ousam se aproximar. Ler é ter notícia do jardim alheio, apenas.

Quem lê do primeiro jeito, quer ler pessoas que escrevam sobre as mesmas coisas, mas diferentemente. No extremo, vislumbra-se a possibilidade de um leitor debruçado sobre um livro que não entende, confiante de que vale a pena gastar a vida para lê-lo só porque ele é, justamente, obscuro. Um livro que fala das mesmas coisas de um jeito tão novo que entendê-lo leve tempo e esforço é, num primeiro momento, indiscernível de um livro que não fala de nada. Quem lê do segundo jeito, quer ler pessoas que escrevam sobre coisas semelhantes, mas que nunca serão *as mesmas coisas*. Surge então a necessidade minuciosa de adequação de autor e leitor, segundo parâmetros convencionais de semelhança entre os jardins. Cada um lê seus semelhantes e desponta, no horizonte, o limite inalcançável em que leitor e autor hão de parecer-se ao paroxismo, até que haja um escritor para cada leitor e eles sejam idênticos e indiscerníveis, ou seja, até que cada leitor se torne o escritor de todos os livros que jamais lerá e os escreva com o objetivo de ostentar com orgulho uma biblioteca de própria autoria, constituída por minuciosas descrições antropológicas de si mesmo.

Digam o que disserem, empreguemos ou não as palavras da moda, a melhor experiência de leitura é sempre de inferioridade patética. A melhor das leituras temos quando somos atravessados pelas palavras de alguém que nos parece mais inteligente, mais sensível e mais corajoso do que nós e frente aos livros que mais nos tocam temos sempre a impressionabilidade alumbrada de criança. Proust escreveu nos seus cadernos: "de um Tolstói se recebe a verdade, como de alguém maior e mais forte". O pedido de Barthes, ora, me parece mais que justo: se lemos com mais prazer quando ignoramos as contingências que circundam a vida do responsável pela escrita, para que leiamos em seus textos aquilo que deles nos mostra nossa intuição, por que atrapalhar nossa fruição com uma figura empírica, necessariamente falha? Que o elã poético nos apareça, aliás, sempre como exterioridade e tensão expansiva — na fórmula de Foucault, excesso enigmático — e nunca como consequência mecânica do humano biológico, geográfica e temporalmente localizado, é uma questão que alguém há de ter tentado explicar. De todo modo, a sensação é tão prevalente que tanto os teístas que veem, na existência da poesia, uma prova da existência de Deus quanto os céticos que veem a poesia como um último recesso de encanto e mistério se encontram, quanto a isso particularmente, em concordância.

Um jovem, certa vez, balançando frente a Sócrates um discurso de Lísias como um pedaço de carne frente a um cachorro, conduziu o filósofo para além dos muros da cidade. Lá, conversaram sobre o amor e resistiram à tentação de adormecer ao som do canto das cigarras. Sócrates, então, contou que, no passado, quando as divinações saíam de um carvalho, as pessoas só queriam saber se o que tinha sido dito era ou não verdade. Hoje, por outro lado, elas são escritas em papel e as pessoas se preocupam com quem disse o quê. Fala-se aí de compensações: a origem precisa ser explicitada porque está ausente.

Séculos e intuições separam Sócrates e Barthes: o grego lamenta que a escrita seja a perda da origem, o francês o celebra; o grego contempla um passado em que a literatura ainda não tinha autores, o francês mira um futuro em que a literatura não mais os terá. Mas seus anseios são codirecionais e talvez ambos, em seus sonhos mais profundos, escutassem palavras sobrenaturais emanando de um carvalho na voz de um deus ainda sem nome.

Deixemos pra lá, por ora, os sonhadores: autores de toda sorte, pra todos os gostos, estão por aí, vivinhos da

silva, em mesas literárias, em cátedras universitárias, em bolhas virtuais, dizendo que seus livros devem ser lidos, por que devem ser lidos e como devem ser lidos e é preciso dar razão àqueles que alegam que a certidão de óbito que Barthes apresentou só podia ser falsificada. No nosso mundinho real, as árvores não falam e a imagem veiculada dos autores é a baliza fundamental das possibilidades de leitura dos textos que ele escreve — para bem e para mal. É o mundo de Caeiro, Émile Ajar e companhia. É o mundo em que se ganha dinheiro escrevendo textos para que outros os assinem. É o mundo que busca valorizar as vozes historicamente marginalizadas e que em geral as lê, em uma sutil manutenção das hierarquias, como se tematizassem sempre e somente a posição marginal que lhes seria facultado superar. É o mundo que quer ler os autores com base em quem eles são e que confia aos autores a tarefa de dizer quem sejam.

Durante muitos anos, o RelevO não inseriu biografias. Os editoriais diziam que não importava para o jornal quem era a pessoa que escreveu o quê. O modo como o jornal se apresentava, com essa omissão incomum, lembrava, um pouco, a imagem platônica das profecias arbóreas. Este ano, contudo, iniciou-se no RelevO um debate a respeito das biografias: para o bem dos pesquisadores do futuro e também por prezar por uma variedade geográfica, Priscila Branco, a ombudsman, argumentou, em março, que elas deviam existir, posição reiterada, com mais veemência, em seu "Pequeno tratado contra a morte do autor" do mês seguinte. Diga-se de passagem que o envolvimento dos leitores nessa questão (entre os quais euzinho aqui, que tô escrevendo esse troço um tempão depois disso tudo), contra ou a favor das ideias de Priscila, é exemplo da pertinência das questões que ela abordou e da vitalidade da comunidade leitora do periódico.

A mesma questão já tinha incomodado alguns ombudsmans antes. Gisele Barão, em outubro de 2018, argumentou a mesma coisa, com mais ou menos o mesmo enfoque: "Se um dia o RelevO se tornar objeto de estudo acadêmico, o pesquisador terá dificuldades para entender qual é o perfil dos autores publicados" (na época, a ombudsman foi respondida com uma promessa não cumprida de que isso mudaria a partir da edição seguinte). Cezar Tridapalli, em abril de 2019, falava em tom questionador sobre "despersonalização e desterritorialização", seguindo a toada de seu texto do mês anterior: "Por que não apresentar também os autores? De onde veio a escalação, quem é a poeta, o cronista, a contista, o resenhista, a tradutora etc.?". Osny Tavares, em maio de 2021, escrevia: "No entanto, parece uma cordialidade ainda não caduca que aquele que começa a falar se apresente".

A resposta do jornal para Priscila foi conciliatória: publicariam as biografias de quem quisesse ter as biografias publicadas. Lê-se, no editorial de maio de 2026: "De fato, as bios podem ampliar a leitura, embora não deixaremos de publicar aqueles que usam pseudônimos e não querem revelar seus IPs". Rapidamente, a ausência de biografia virou uma marca distintiva. Nos meses seguintes, poucos textos figuraram sem ela e essa ausência, assim que se tornou exceção, passou a ser ainda mais eloquente do que uma presença sutil, como esses autores que recusam o jogo mercadológico-midiático da literatura apenas para retornar a ele com grife, plasmados em enigmas. O RelevO se tornou, enfim, um pouco mais contemporâneo.

A mudança é sutil. Por um lado, uma minibiografia não diz como deve ser lida; por outro, o nome também nunca foi completamente transparente, porque dele deduz-se, em geral, um gênero, às vezes, uma ascendência, e, com sorte, dá margem para um palpite sobre o período de nascimento de quem o porta. Se até as divindades que falam costumam frequentar o mundo e são encontradas na nascente de rios mesopotâmicos, em montes do Peloponeso e no norte da Amazônia, explicitar a data e o local de nascimento dos autores não há de determinar se leremos seus textos como cães ou como crianças. Que eu tenha usado essa querela miudamente RelevAnte como desculpa para esse texto não deve esconder o fato de que essas reflexões a precedem e talvez a tangenciem.

Chega, enfim, um momento da vida que a gente começa a achar que certos hábitos já não nos abandonam mais e talvez estejamos atados a ele como os gregos aos seus destinos. Sinto que boa parte de meu tempo passarei dedicado a ler coisas e pensar sobre as coisas que li — aliás, não me agrada nada ser o portador de más notícias, mas suspeito que, se você está imbuído na leitura de um texto sobre leitura, em um jornal de papel, em 2026, talvez os fantasmas que nos assombram sejam ao menos um pouco parecidos e o seu destino não seja muito diferente disso.

Para nós, portanto, o problema que se coloca é o seguinte: diferentemente do que dizia a balela cor-de-rosa de um humanismo esperançoso de séculos passados, o hábito da leitura às vezes dessensibiliza e emburrece. O intelectual de hoje costuma ser alguém cinicamente preparado para ler qualquer coisa como se fosse uma anódina repetição de ideias que ele já conhece e entende muito bem, sobre as quais constituiu uma opinião sólida décadas atrás, antes da perempção de seu espírito. Para quem gosta de ler e pensar e quer, apesar disso, permanecer vivo e sensível, parece que importam as questões de *o que ler* e *como* ler.

A escolha *do que* se ler é sempre uma aposta. Só dá pra saber se vale a pena ler depois de ter lido, nunca antes e, nisso, cada um tem sua filosofia. Aqui não tenho predileções. Tem gente que terceiriza a decisão aos pares mais experientes (isto é, segue instruções de cânones mais ou menos convencionais), tem gente que terceiriza a decisão à moda (isto é, ao dinheiro de quem compra as propagandas). Cada vez mais, tem gente que tenta variar a origem de suas leituras em função de algum quesito importante relacionado a quem escreveu (gênero, nacionalidade, cor da pele, idioma, etc.). Eu meio que tento fazer um pouco de tudo isso, embora me sinta muito tentado a privilegiar o fio das influências e citações dos livros de que gosto. Particularmente, confio no provérbio que diz que as pessoas se parecem mais com seu tempo do que com seus pais e dou importância à variedade histórica. Tenho a impressão de que os dois autores mais diferentes entre si em alta no mercado literário hoje são relativamente parecidos, quando se tem em vista que a diferença de cada um deles com qualquer coisa escrita há mais de 500 anos é abismal. Mas, sobretudo, tento cuidar, por superstição, de deixar um tanto de margem para a intuição e o acaso, caminhando, às vezes, por exemplo, sem rumo numa biblioteca ou comprando em um sebo não o livro que eu procurava, mas aquele que estava ao lado dele, etc. Isso são superstições e, no fim, quem aposta na loteria sempre os mesmos números e quem inventa uma sequência nova a cada aposta, têm, ambos, a mesma chance de ganhar. Historicamente, diferentes dietas de leitura se provaram capazes de nutrir sensibilidades saudáveis. A questão que importa mesmo, a meu ver, é o *como*.

É o *como* que Barthes repreende à crítica que lhe antecede, é o *como* que Proust repreende a Sainte-Beuve. Em ambos os casos, os desejos apontam para algo em latência, que custou a ser expresso — e aquilo que foi, de fato, expresso, contradisse-se logo na sequência. Proust critica o método de ler a obra a partir das circunstâncias da vida do autor, mas, páginas adiante, comentará a literatura de Balzac e Baudelaire à luz de suas correspondências íntimas. Barthes, também, ao seu modo, não tardará a reinserir a vida dos autores no bojo de suas análises, escrevendo, já em 1970, que "o prazer do texto comporta um retorno amigável ao autor". No fim de tudo, será que a Revolução seria apenas uma joia a mais na coroa de Napoleão?

Não censuraria jamais a Proust ou Barthes a inadequação de suas análises em vista de seus preceitos programáticos. Antes, relativizaria a importância de seus preceitos programáticos em vista de suas análises (com relação a Proust, a questão é mais sensível ainda, já que me refiro a *Contre Sainte-Beuve*, uma recolha póstuma de textos aos quais, ao que tudo indica, ele parou de se dedicar para escrever *Em Busca do Tempo Perdido*). Pra falar mais claramente, acredito que as obras desses autores apontam para algo que não delimitam precisamente, como as imagens distorcidas de espelhos circenses não deixam de ser causadas pelo objeto que falham em representar. A parte evidente da querela, a bandeira que se agita para ser vista de longe — *levar ou não em conta a vida de um autor na leitura de sua obra* —, não representa bem a querela como um todo e o pressentimento de um problema e de uma dicotomia remete a outra coisa, mais sutil, que custo a captar. Por ora, experimento pensar com esses termos: *ler ou não como se o autor habitasse o mesmo mundo*, com as consequências que julgo advir desse pressuposto de coabitação.

Em *desideratum* à guisa de *coda*, enfim, só digo ainda que desejaria que os leitores do futuro lessem o RelevO não como acadêmicos bem comportados, que temem mais a extrapolação do que a banalidade e que cuidarão de devolver cada autor ao seu contexto de produção, medindo o espírito de suas linhas com a régua não graduada do comprimento de seu jardim e limitando sua interpretação com sua projeção anacrônica de quem nós, os desbravadores do século 21, éramos, mas, ao contrário, desejaria que esse jornal fosse lido, em desmesura e descompasso, pelos descendentes incômodos da estirpe de Barthes, esses que não dedicam a vida à literatura porque a amam e ela lhes faz bem, mas que são presos à literatura por força de uma amarração que ressentem e desejariam, a todo custo, desfazer, esses que acreditam que podem encontrar, na próxima linha de um livro de todo esquecido, a resposta para uma pergunta que ainda não fizeram e nem sabem qual é e esses para os quais pouco importa se a pessoinha já morta que o escreveu era ou não capaz de falar o que agora se julga ouvir em sua voz.

Nícolas Wolaniuk (1999) é escritor e professor. Nasceu e mora atualmente em Curitiba (PR).

Minimalismos

Ivana Mayrink

A avó observava, do alto de sua poltrona de damasco gasto, um trono de sombras em um reino que já não lhe pertencia, o bailado frenético da neta entre as molduras vazias e os arranjos de flores de seda. Estas últimas simulavam um frescor impossível sob a luz branca e cirúrgica das lâmpadas elétricas, que expulsavam do salão qualquer mistério que o crepúsculo ousasse trazer. Naquele recinto, onde outrora o silêncio servira para a lenta maturação do caráter e o peso das palavras era medido pelo sacrifício que exigiam, agora tudo era dotado de uma leveza insultuosa, quase volátil. A moça movia-se com a precisão de um autômato elegante, dispondo os objetos não pelo que significavam ou pela história que carregavam nas fissuras do tempo; a baixela de prata não servia ao banquete, o livro de capa de couro não solicitava a leitura, mas pela harmonia cromática e pela "vibe" que projetariam na retina alheia. Havia naquela arrumação uma geometria implacável, uma ditadura do olhar que expulsava impiedosamente qualquer rastro de humanidade genuína ou desordem afetiva: a neta não recebia convidados, recebia espectadores de uma encenação em que a ética sagrada da hospitalidade fora devorada pela estética da exibição calculada.

Era uma beleza minimalista, estéril, comparável ao brilho de um espelho que, de tanto ser polido, acabara por apagar a própria imagem que deveria refletir. Quando a neta se aproximava para um gesto de carinho, a avó não sentia o calor do sangue ou a pulsação da vida, apenas um vácuo gelado de uma performance: era o frio do cálculo posicionado para o melhor ângulo, a carícia que só se completava se houvesse quem a validasse de fora. A jovem falava de afetos como quem discute a tonalidade de uma cortina ou o corte de um vestido de temporada, trocando lealdades por conveniências momentâneas com a mesma naturalidade com que substituía um vaso quebrado por um modelo mais "atual". Para ela, a dor era um erro de composição, uma mancha que precisava ser editada, e a velhice da avó, um detalhe anacrônico que precisava ser suavizado pela penumbra para não "poluir" a pureza visual do ambiente. Sob o verniz daquela modernidade radiante e higienizada, pulsava a ausência absoluta de um centro moral: se a imagem era perfeita e o engajamento era alto, a alma tornava-se um acessório dispensável, uma nota de rodapé em um catálogo de aparências que se desmanchariam ao primeiro sinal de sombra real.

A neta aproximou-se finalmente, ajustando com as pontas dos dedos frios a inclinação do camafeu no pescoço da velha, como quem corrige a simetria de um quadro torto em uma galeria desabitada. "Assim, vovó. Fique imóvel, por favor. A luz que vem do pátio desenha em seu rosto uma melancolia perfeita, quase clássica, uma espécie de 'tempo perdido' que comunica uma dignidade muito vendável". A avó, que até então se deixara manipular como um busto de mármore destinado ao pó, segurou o pulso da jovem com uma força que a fragilidade de seus ossos e a transparência de sua pele não denunciavam. O olhar, outrora nublado pela catarata e pelo cansaço dos anos, fuzilou a lisura impecável daquele rosto sem poros, aquela face que parecia nunca ter conhecido o vento ou a dúvida.

"Você me olha, mas não me vê", disse a velha, com a voz curta e seca como o estalar de lenha em uma lareira apagada. "Sou apenas uma composição de sombras e luz, um adereço de museu destinado a validar o seu cenário de vidro. Você celebra a minha 'dignidade' porque ela fotografa bem e evoca uma profundidade que você não possui, mas repudiaria o meu odor de remédios, a minha dor crônica ou a minha memória confusa se eles ousassem desbotar o seu filtro de perfeição. Você habita um mundo líquido onde nada apodrece porque nada chega a viver de fato; tudo é consumido antes de amadurecer. Essa sua perfeição não é beleza; é o *rigor mortis* de quem trocou a alma pela superfície. Você é um reflexo que caminha, uma criatura de cristal que se estilhaçaria se tivesse de carregar, por um segundo que fosse, o peso de um compromisso que não pudesse ser apagado ou bloqueado com um toque indiferente na tela".

A neta tentou recuar, um sorriso nervoso e plástico ainda ensaiado nos lábios, mas a avó não a soltou, e seus dedos pareciam garras de uma verdade antiga prendendo a futilidade do presente. "Olhe para estas flores de seda", continuou a velha, apontando para o arranjo inerte sobre a mesa de centro. "Elas nunca murcham e, por isso mesmo, nunca exalaram perfume, pois o perfume é o hálito da morte iminente. Você é como elas. Sua vida é uma sucessão de instantes brilhantes que não se encadeiam em uma história, porque você não permite que nada penetre a sua pele ou desarrume o seu roteiro. Você não ama, você apenas harmoniza pessoas como se fossem móveis. E quando o espelho se quebrar, e ele sempre quebra, minha filha, pela fadiga do próprio vazio você descobrirá que, por trás dessa moldura impecável, não há um ser humano que sofre, apenas um vácuo decorado com muito bom gosto. Você está morta, e o seu maior pecado é a elegância absoluta com que carrega o seu próprio cadáver pelas salas do mundo".

A neta permaneceu estática por um longo segundo, o pulso ainda preso pela mão encarquilhada que parecia vir de outro século. O choque não foi de compreensão ou arrependimento; foi o lampejo elétrico de quem descobre um insight estético raro, uma peça de conteúdo valiosa por sua crueza. Seus olhos, que antes buscavam a simetria dos vasos, agora brilhavam com a febre de quem captura uma "autenticidade" que o mercado tanto clama. Com um desvencilhar suave, quase coreografado, ela não recuou em espanto; em vez disso, tateou o bolso em busca do aparelho de vidro, a extensão inevitável de sua própria existência. "Morte em vida... o vácuo decorado...", murmurou a jovem, como quem ensaia um título de impacto. Sob o olhar devastado da velha, que via sua última e mais desesperada tentativa de honestidade intelectual ser reduzida a um simples recurso narrativo, a neta ergueu o dispositivo com a reverência de um sacerdote profano. O rosto da avó, marcado pela angústia real e pelo vinco amargo da verdade, foi enquadrado em uma luz crepuscular, convertendo o desespero ético em uma imagem de "vulnerabilidade poética" altamente compartilhável.

"É magnífico, vovó! Essa sua fala... é tão visceral, tão necessária para o momento atual", exclamou a moça, enquanto seus dedos ágeis já traduziam a devastação da anciã para uma legenda de impacto, adornada com aspas dramáticas e uma trilha sonora melancólica que o algoritmo sugeria. Para a neta, o confronto não foi uma ferida ou um chamado à realidade, mas um produto de luxo capturado na fonte. Enquanto a avó se encolhia na poltrona, sentindo-se pela primeira vez verdadeiramente invisível e irrelevante sob o brilho azulado da tela, a jovem já se distanciava em direção à luz, absorta na métrica do engajamento que aquela "explosão de verdade" geraria. Na sala, o silêncio que antes guardava os segredos e as dores de gerações foi substituído pelo bipe incessante das notificações: a tragédia da alma fora editada, postada e, em poucos segundos, seria consumida e esquecida por um público que devorava a dor alheia como quem degusta um confeito fino, sem jamais permitir que o amargor do veneno tocasse o coração.

Ivana Mayrink é escritora e professora. Nasceu e mora atualmente em Belo Horizonte (MG).





Como diria a Dolly Parton: what a way to make a living!

Marleth Silva
Publicado originalmente em *A Tramela* (www.tramela.com.br)

Enquanto observo as plantas em frente à minha casa, vejo os vizinhos que vão e voltam, vão e voltam.

Vão até o portão receber uma entrega.

Voltam para dentro de suas casas onde permanecem o dia inteiro trabalhando.

Ainda que as estatísticas indiquem que a adoção de trabalho remoto pelas empresas recuou, aqui nesses rincões do Cascatinha nunca teve tanta gente labutando dentro de casa. São os *homeofficers*.

*

Essas pessoas não convivem com colegas de trabalho, o que significa, provavelmente, menos fofocas sobre a vida alheia. Mas também menos chances de fazer amizades e de trocar ideias sobre o que se está fazendo.

Até porque, junto com o *home office*, veio a preferência por comunicações tão modernas quanto: é só mensagens via aplicativo ou reuniões por vídeo. Nem e-mail, coisa de velho, se usa mais. As conversas de trabalho que eram chatas mudaram de patamar: agora são chatíssimas.

*

Sobre a entrega das compras ou marmitas no portão, essa prática se tornou banal e, ao mesmo tempo, é o único contato social do tipo olho-no-olho dos *homeofficers*.

*

Dada a rotatividade de entregadores, estes não se tornam velhos conhecidos, como acontecia com os carteiros.

*

Aqui na minha vizinhança sempre houve pessoas trabalhando em casa, mas nada a ver com o tal trabalho remoto. O que havia eram pessoas como o Hilário, que manteve uma marcenaria no quintal por uns cinquenta anos, e o saudoso Claudinei Trog, que assava e vendia



empadões na garagem (sua filha Mariane segue oferecendo nhoques e outras delícias na própria casa).

São pioneiros do *home-officismo*.

*

Quando não se falava em outra forma de trabalho que não fosse presencial, eu ficava curiosa para saber quem eram as pessoas que apareciam em cafés e confeitarias durante a tarde ou que corriam no Parque Barigui no meio da manhã entre outras tantas atividades que eu era obrigada a fazer antes das 8h ou depois das 19h. Seriam desempregados? Aposentados?

Minha amiga Glenda uma vez me disse que certas moças que viviam no mesmo prédio que nós certamente eram garotas de programa. A prova disso é que tomavam sol às 10 da manhã. Como minha amiga via as moças nesse horário? É que, como jornalista que "fechava" jornal, ela saía de casa só depois do almoço.

Portanto, manhãs em casa eram coisas de prostitutas e jornalistas. Gente séria rumava para o local de trabalho logo cedo. No mínimo "9 to 5", como cantou a Dolly Parton. *What a way to make a living!*

*

Voltando ao começo, quando eu dizia que observo as plantas, esta é uma pequena alegria diária. Tenho algumas roseiras (nove na última contagem) e as observo diariamente em busca de botões e de folhas doentes, que precisam ser arrancadas (roseiras têm muito fungo).

Ao lado de casa, tem umas árvores jovens que também vigio. No caso das árvores, busco alguns centímetros a mais de tronco (já que ainda estão crescendo), florezinhas e frutinhas. As frutinhas, essas eu colho e como assim que amadurecem, antes que os vizinhos e os passarinhos as notem. Sou egoísta quando se trata de frutinhas.

*

Se eu viver cem anos e continuar bem-disposta e falante, virão me perguntar: "qual o segredo da senhora para viver tão bem?". E eu responderei: passei horas observando as plantas e comendo frutinhas silvestres.

*

Meus filhos não concordam comigo. Eles acham que vou cair de cama de tanto comer frutas sem lavar.

Marleth Silva nasceu em Peabiru (PR) e cresceu em Curitiba (PR). É jornalista.



E se, enquanto caímos, alguma coisa nos distraísse?

Em Enquanto caía me distraí, Adriana Massocato transforma a queda em percurso. Dividido em três partes, Enquanto caía, Me distraí e Farol, o livro acompanha um eu lírico que, diante daquilo que o faz desabar, se distrai com outras coisas. Entre identidade, memória, amor, criação e encontro com o outro, a queda deixa de ser apenas um lugar de colapso e passa a ser também um caminho de descoberta.

EDITORAURUTAU.COM/ENQUANTO-CAIA-ME-DISTRAI

Enquanto caía me distraí
Adriana Massocato

Editora Urutau
84 páginas
R$ 52,00

@adrianamassocato

PONTOS DE VISTA[1]

Paul Valéry
Tradução de Walisson Oliveira



A sabedoria consiste em usar, quando é preciso, do espírito; quando é preciso, do instinto. Ela é, portanto, uma questão de sensibilidade, de uma certa sensibilidade que percebe e prevê o equilíbrio dessas duas potências, a cada uma das quais é perigoso ora ceder, ora resistir.

Usando felizmente o material mental que lhe oferece a cultura, a inteligência equipa um espírito, como uma rede de fios ou de trilhos estendida ou fixada sobre um território o equipa sem muitos cuidados com as formas acidentais do solo, e lhe multiplica a riqueza.

Se nos tornássemos mais "inteligentes", acharíamos logo insuficiente, fraco, ingênuo ou absurdo tudo aquilo que pensávamos até então. Daí se pode deduzir que os pensamentos estritamente indispensáveis à vida e que satisfazem a esse ofício são os únicos que não podem ser tornados fracos, ingênuos ou absurdos por algum acréscimo de nossas luzes, e que seria importante separá-los dos outros, pô-los em evidência e recolhê-los – o que seria sem dúvida a verdadeira filosofia.

Não há problema insolúvel para os espíritos vagos; mas seus problemas também são vagos: portanto, o acordo é bom.

Um "civilizado" é um sistema de ideias, de necessidades, de entraves e de poderes de ação *parasitários*, que se inseriram e se desenvolveram no quadro de distribuição natural dos órgãos de relação, às custas dos instintos primeiros, e às vezes das forças ou da sensibilidade útil. Criam-se nele exigências gratuitas, necessidades arbitrárias que tomam lugar entre as orgânicas e às vezes as contrariam, tornam-se imperiosas, enxertadas na máquina de viver cujo funcionamento elas complicam e desconcertam. Nosso sistema vivo é, portanto, invadido pelos efeitos e pelos produtos de seu próprio espírito: somos como a presa de nossas aquisições sucessivas acumuladas.

Aqui aparecem singulares problemas.

Aconteceu-me outrora definir à minha maneira aquilo que se chama a "vida". Eu dizia: *a vida é a conservação do possível*. Fórmula muito abreviada. Para compreender meu pensamento, basta representar para si o desenvolvimento de um ser, de seu crescimento à sua degenerescência, e observar que a cada instante esse organismo trabalha na produção do instante seguinte: ele produz *futuro próximo*, isto é, conserva algo de que possa *vir a ser*.

Mas a intervenção do espírito, sua ação excessiva sobre todas as condições da vida, seus abusos de poder (que a posse de meios sempre mais enérgicos excita) nos conduzem a modificar esta definição. Mas isso é afastar-se sempre mais da via natural, e pode-se perguntar se as possibilidades limitadas que são necessárias e suficientes aos animais para assegurar sua vida em troca da manutenção, por essa mesma vida, das ditas possibilidades, admitem um acréscimo de excitações e uma diversidade de provas que se podem qualificar de desmedidas.

Armados das forças da natureza que nós voltamos contra ela, produz-se esta consequência paradoxal: quanto mais nos tornamos poderosos, menos, parece, podemos esperar "compreender" essa natureza, e, portanto, a nossa.

Eis que a ciência, em seu último estado, parece perder a esperança de compor um quadro único de tudo aquilo que sabe. Fatos inteiramente novos, cujas descobertas se precipitam e parecem não mais depender senão das energias que se podem empregar na pesquisa, sucedem-se, transtornando a cada vez o edifício do Saber organizado e ordenado. As teorias são reduzidas ao papel de instrumentos intermediários, puramente pragmáticos, deixados e retomados como ferramentas sobre uma bancada, tão prontamente improvisadas quanto prontamente tornadas obsoletas. As ambições mais ou menos filosóficas que se fundavam sobre os resultados da ciência se encontram cada vez mais desconcertadas. A imaginação já não pode mais antecipar ou penetrar os fenômenos, *crer*, *ver* o que se passa no íntimo dos corpos, pois "ver" já não tem mais sentido em uma ordem de grandeza em que não pode haver questão de luz, e em que a palavra "fenômeno" já não tem emprego: "o que se passa" nessa pequenez suprema só nos é assinalado por efeitos sem semelhança com suas causas, por intermédio de relés e de dispositivos engenhosos que, sem dúvida, nos transmitem alguma coisa, mas nada que possamos destacar dessa tradução em linguagem de nossos sentidos e de nossa escala, para considerá-lo em si.

Nossa própria lógica é curiosamente afetada, pois o funcionamento do raciocínio repousa sobre *definições*, as quais, em última análise, exigem a intervenção da linguagem ordinária, de seus termos primeiros, de suas *palavras-ferramentas* (como as preposições e as conjunções), de suas formas imemoriais, e tudo isso foi obra de uma humanidade primitiva, unicamente preocupada com suas necessidades práticas de troca ou de explicação.

Enfim, parece hoje que a ciência, cujas previsões verificadas constituem a garantia, introduziu, por suas aplicações multiplicadas, a *imprevisibilidade* no futuro, mesmo muito próximo, da vida humana. Previa-se, há um século, muitas invenções das quais a maior parte foi realizada (navegação aérea e submarina etc.). Quantidade de outras, nas quais nem sequer se podia pensar, há cinquenta anos, estão agora em uso geral. É preciso, portanto, doravante acostumar-se a considerar o *imprevisto* não mais como a chegada de um fato que podia ser previsto, e que teria apenas consequências limitadas quanto à substância da vida, mas como uma espécie de produção sem precedente e bastante regular de fatos inteiramente novos resultantes da exploração do mundo pela pesquisa intensa e bem armada da ciência e pela atividade não menos intensa da potência industrial...

Vê-se quanto tudo isso deve constranger o homem a modificar a própria ideia que tinha do homem e da natureza. No estado atual das coisas, direi que ele é o ser vivo que, afastando-se cada vez mais das condições primitivas de sua existência, deve considerar que a essência de sua espécie é... Aventura.

Walisson Oliveira (1998) nasceu em Montes Claros (MG) e vive atualmente em Pedras de Maria da Cruz-MG. É escritor, jornalista e professor.

1. VALÉRY, Paul. Points de vue. In: **Vues**. [1948]. Paris: La Table Ronde, 1993, p. 59-62.

URGENTE

Artista sem título eleitoral acorda aliviado



Kardim promete regularizar título eleitoral: "Na próxima ninguém me segura!"

Algumas verdades universais: a gravidade, a morte, os impostos e a ingenuidade de quem espera coerência de músico, talvez a classe artística mais ególatra e deslocada da realidade (não sabemos, a concorrência é forte). O que sabemos, aliás, é que outubro não foi um bom mês para Marco Thouka, o Kardim. Conhecido por suas letras ferozes e manifestações antifascismo em shows de ampla aderência ao redor do Brasil, Kardim foi um dos (vários!) artistas expostos por fazerem campanha política apaixonada sem sequer votar. Pior: como tantos outros predestinados de alma sensível, leitura social, verniz urbano e suposto talento estético, Kardim está com o título eleitoral suspenso há anos, tendo aparentemente adormecido em algum ponto da década passada e acordado somente depois do meio-dia. Porque aparentemente nada de muito estrondoso ocorreu nesse ínterim.

"Achei que ter amigo gay contasse como voto — e eu tenho uns 11 (12 se contar o Jorge, né, Jorge, hahaha)". Ele aponta para Jorge. Ninguém ri, afinal Kardim passou por um processo conhecido nas redes sociais brasileiras como chapisco, cancelamento ou linchamento virtual. Não estamos com pena de Kardim — seu amigo Jorge também não. "Em minha defesa, eu postei '*fogo* nos racistas', não necessariamente '*voto* contra os racistas' — e tinha que votar numa escola pública mó longe; eu tava produzindo", defende-se o músico, que chegou a cogitar processar algumas contas no X que o chamavam de "CIRANDEIRO FILHO DA P***". Acabou desistindo depois de ser alertado de

que um possível boicote do público poderia ter consequências piores, até mesmo o levando a ter de procurar um emprego com carteira assinada e cumprir expediente de segunda a sexta. "Aí ele parou de chorar e gritar ao espelho 'por que isso só acontece *comigo*?' enquanto pedia seu delivery diário", alega o produtor Ravi Junqueira.

O episódio provocou uma crise de consciência no meio artístico brasileiro que não depende apenas do dinheiro do agronegócio, sobretudo entre aqueles que sempre compreenderam o engajamento político como uma atividade que começa no Instagram e termina no camarim. Companheiros de palco saíram em defesa de Kardim, argumentando que a democracia não pode depender exclusivamente de instituições ultrapassadas como a Justiça Eleitoral ou passeatas, afinal existem ferramentas muito mais acessíveis, como compartilhar um *story* com fundo preto e escrever "INACEITÁVEL" em letras maiúsculas. Um ex-produtor próximo ao músico lembrou que Kardim chegou a interromper um show de 40 minutos para fazer um discurso de 25 contra a família Bolsonaro e o fascismo – gesto que, segundo ele, deveria valer ao menos dois votos para presidente e um para deputado federal, quando Kardim entender o papel de um deputado federal. "Ele realmente acredita que o voto é um estado de consciência", define o produtor, que também não votou por estar trabalhando em um show a 1.500 km de seu domicílio, financiado com dinheiro de uma prefeitura de 5 mil habitantes. "Achei que cadastrar voto em trânsito tinha a ver com o Uber. Arrrrocha!".

Apalpação de votos

Questionado sobre ter feito campanha explícita para candidatos específicos mesmo sem votar, Kardim rebate: "aí se pá eu mandei mal mesmo". Indagado sobre xingar Bolsonaro há quatro turnês sem ter movido um dedo contra qualquer Bolsonaro, Kardim se exalta: "Achei que ganharíamos no primeiro turno". Perguntado sobre os votos para deputado estadual, deputado federal, senador e governador, Kardim pede calma. "Ainda tá cedo e eu tô com um pouco de ressaca, mano". A verdade é que Kardim não sabia o que era se explicar tanto desde... setembro, depois de um de seus habituais sumiços no que tange à vida conjugal (afinal músico).

A situação ficou ainda mais delicada quando a reportagem do RelevO perguntou se o artista sabia a diferença entre voto nulo, voto branco e abstenção. Kardim classificou a pergunta como uma tentativa de deslegitimar sua trajetória artística e afirmou que não aceitaria ser reduzido a um número. "Eu sou muito mais que um título de eleitor, tá ligado? Minha arte é política. Meu corpo é político. Até minha alimentação é política, mano – fora Temer ou Bozo; precisamos eleger *mulheres*". Ao ser informado de que o Tribunal Superior Eleitoral não contabiliza corpos políticos, e sim apenas votos, Kardim pediu que a entrevista fosse interrompida para consultar seu assessor. O assessor, que também não vota, sugeriu a publicação de uma nota de repúdio e a transformação do sofrimento ("essa perseguição") em... arte. Os olhos de Kardim brilharam.

A arte acima da dor

Depois de torcer muito, mas *muito* pela reeleição de Lula – "meu voto sempre foi dele, mesmo sem ter votado" – Kardim resolveu virar a página. Nas redes sociais, o artista prometeu transformar o constrangimento em aprendizado e anunciou uma nova música, provisoriamente intitulada 'Democracia não é documento'. A composição pretende denunciar a burocratização da cidadania e a violência simbólica de exigir que artistas politicamente conscientes compareçam a uma seção eleitoral a cada dois anos. A canção, com um *feat* da cantora Sônia Massa – que não votou na última eleição pois foi pega de surpresa com a própria turnê internacional em Portugal (anunciada 38 anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988) –, será lançada junto de um manifesto assinado por 47 músicos, todos com a situação eleitoral não regularizada.

Para marcar essa nova fase, Kardim anunciou uma turnê nacional intitulada "A revolução começa em *você*". A produção garante que parte da arrecadação será destinada a um projeto de conscientização "política não miliciana com foco inclusivo", sem grande esclarecimento sobre o que isso quer dizer. Nos bastidores, seu produtor defendeu a posição do artista: "A gente precisa ocupar os espaços, saca? Principalmente os espaços VIP, porque é de lá que vêm as grandes transformações". Perguntamos se a equipe pretende aproveitar a turnê para regularizar



os títulos eleitorais; escutamos que a agenda segue muito apertada e que o grupo precisa se concentrar em pautas mais urgentes, como a escolha da tipografia do manifesto.

A repercussão também inspirou Kardim a criar o movimento "Meu Corpo, Minha Urna", que defende o direito de participar ativamente da democracia sem necessariamente participar dela. Entre as reivindicações estão o reconhecimento do compartilhamento de publicações como exercício de cidadania; a contagem de curtidas como votos proporcionais; a possibilidade de justificar a ausência eleitoral mediante apresentação de comprovante de presença em festival alternativo; e, por fim, a proposta "*After* do Voto", que pretende manter as seções de votação abertas das 4h às 6h59 da manhã. "Não podemos permitir que alguma instituição conservadora determine quem é ou não politicamente engajado", declarou o músico, utilizando-se de um filtro engraçado de bichinho nos *stories*. Uma votação anexada – "gostaram do filtro???" – teve 12 mil participantes, consolidando-se como a primeira eleição da qual Kardim participou na década.

"Agora, papo reto: não deu tempo de regularizar em 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025 e até maio deste ano, mas prometo que na próxima eleição eu vou fazer a diferença". Perguntamos se ele fará campanha para algum vereador, Kardim se anima. "O que é um vereador?".

RELEVO INFORMA: o cadastro eleitoral da Justiça Eleitoral reabriu em 3 de novembro de 2026. Não seja como Kardim.

E N C L A V ∃

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<https://jornalrelevo.com/enclave>



Lucien Rudaux

Na minha infância, ainda em Porto Alegre, lembro de um CD-ROM próprio para Windows 95 dedicado ao nosso Sistema Solar. As poucas memórias sobreviventes são borradas, mas é certo que havia os planetas e que era possível clicar neles. A partir disso liam-se informações sobre cada um, com imagens – estáticas, nada de animação – acompanhadas por uma trilha sonora discreta. Não o encontrei na internet.

Nossa Lua, apesar de não ser um planeta, era a mais impactante, pois me ocorre que sua coloração mais fria convergia com a sonoridade cuja clara ambientação de solidão no desconhecido atingia seu objetivo. Eu sentia um medo saudável daquelas imagens — e certamente repeti o fascínio posteriormente com registros melhores, animações mais modernas e sonoridades mais bem gravadas.

Mas antes de qualquer software, e antes de Clarke, de Kubrick e, principalmente, de Clarke e Kubrick, havia Lucien Rudaux, pioneiro de arte espacial. Rudaux (1874–1947), francês, era ele próprio astrônomo, autor e ilustrador. No final do século 19, isto é, com apenas 20 anos, fundou um observatório em Donville-les-Bains, na Normandia. Rudaux serviu ao exército francês na Primeira Guerra, quando, já respeitado pelos serviços prestado ao ensino, havia sido nomeado Oficial de Instrução Pública, uma ordem honorífica.

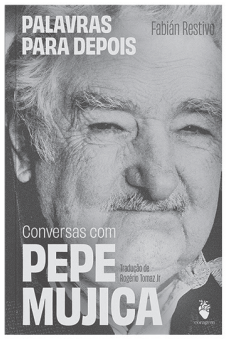
Filho do pintor Edmond Rudaux, Lucien sem dúvidas herdou a aptidão para representações visuais, a maioria delas produzida nas décadas de 1920 e 30, após a atuação militar. Com elas, fugindo de planetas montanhosos, oferecia imagens mais sóbrias cujo realismo superou até seus sucessores. Seus traços acumulam ainda mais valor conforme caçamos, ou tentamos emular, retrofuturismo.

Pioneiro, Rudaux virou prêmio. E se já temos muitos outros registros, imagens melhores e fotografias mais precisas, suas ilustrações sobrevivem pelo único caminho capaz de garantir sobrevivência de qualquer arte: estética, o encanto cuja coceira limita as palavras e permite, vez ou outra, que o medo seja saudável; e a solidão, confortável.

O livro que o presidente Lula recomendou

"Palavras para depois"

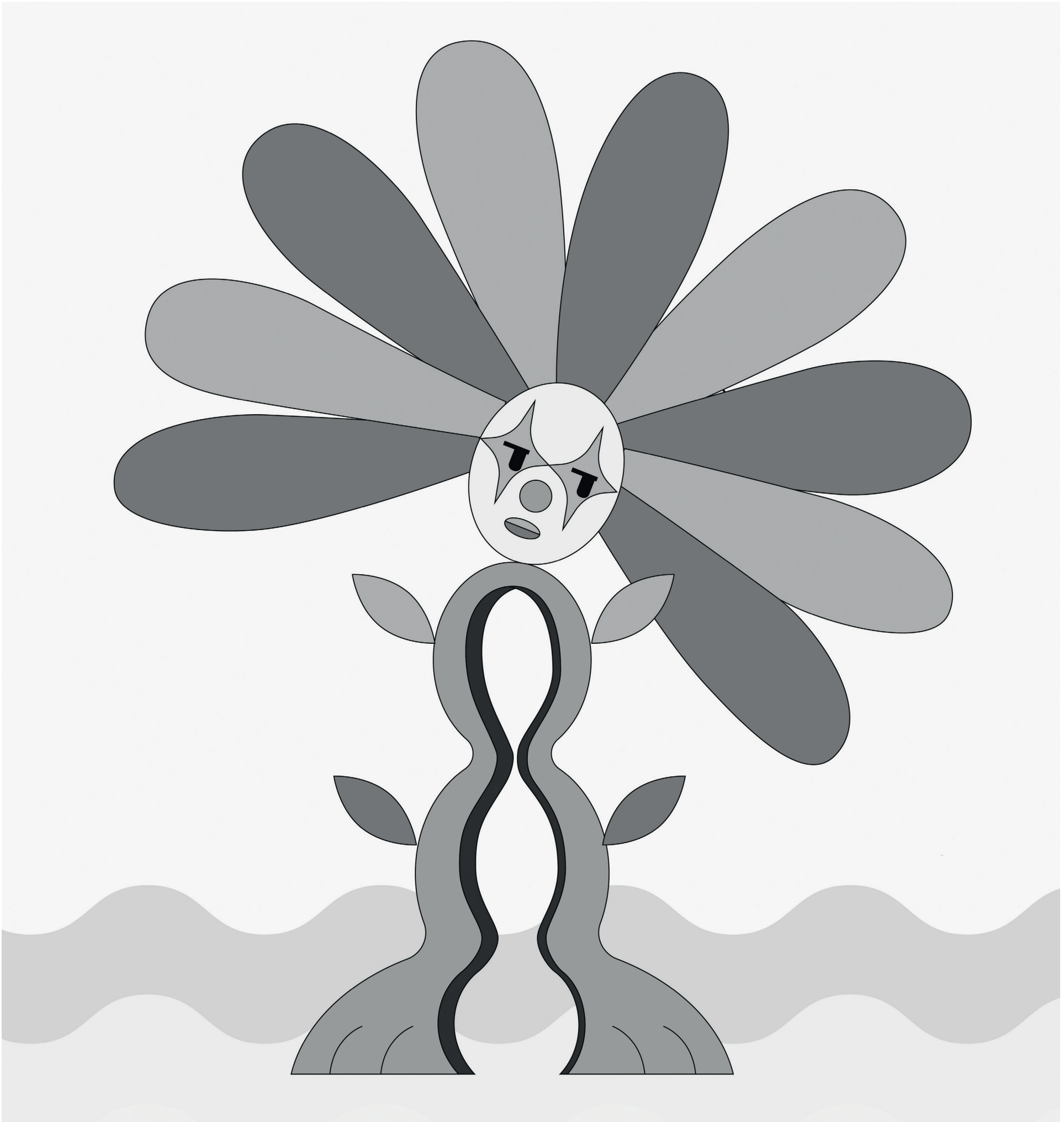
que conta a história de **Pepe Mujica** é exclusividade da **editora Coragem.**



Leia o QR Code e garanta 20% de DESCONTO com o Cupom "RELEVO20"

www.editoracoragem.com.br

editora coragem



ADEUS, ALEXEI BUENO, UM GOETHE BRASILEIRO

Ivo Korytowski

Até 27 de junho de 2026, Alexei era o maior poeta vivo brasileiro, que, à semelhança de um Goethe ou Victor Hugo, dominava magistralmente variadas formas da produção poética, do soneto à poesia em prosa, do haicai à ode, da redondilha maior ("Esta roupa mal cortada / Curta aqui, ali comprida") ao verso longo à Walt Whitman e, mais ainda, o poema longo como "A Decomposição de J. S. Bach" e "A Chave Quebrada".

A partir dessa data, com seu desaparecimento do mundo dos vivos, ingressou no panteão dos grandes poetas mundiais de todos os tempos. Se, em 35 anos de vida, Mozart compôs uma obra mais vasta que a de Beethoven, que viveu muito mais anos, Alexei, em seus 63 anos, escreveu uma obra de uma vastidão e variedade digna de um escritor que tenha vivido 120 anos. Em suma, Alexei Bueno, "a mais poderosa voz da poesia brasileira revelada nas últimas décadas" (Arnaldo Saraiva), gestou uma obra poética única no Brasil em envergadura e profundidade.

Vejamos alguns poemas de Alexei Bueno:

"Iluminação", de seu primeiro livro de poesia publicado em 1984, *As escadas da torre*, evoca o personagem mentalmente perturbado de *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, que escrevia um livro composto de uma única frase infinitamente repetida (já o personagem de Alexei escreveu "um milhão de folhas brancas"):

ILUMINAÇÃO

Eu fui um louco que viveu cem anos
Compondo um gigantesco manuscrito...
Madrugadas profundas de proscrito
Gastei sobre o papel dos meus enganos.

Memórias dos delírios mais insanos,
Razões petrificadas de algum grito,
Anotei, registrei, pus por escrito
Na chama congelada dos meus planos.

Quando enfim fui chegando junto à morte
Vi que tudo escrevera, e ri da sorte,
Que as páginas tocavam já nas sancas.

Foi aí que enxerguei, oh, dor distinta!
Que nunca na caneta houvera tinta,
E a morte entre um milhão de folhas brancas.

A morte de um elefante de circo (tema bem inusitado!) é o tema do poema **"Fim"**, do livro *Lucernário*, de 1993:

FIM

Eis que o elefante morreu, Na aurora
Viram-no, quieto, a língua de fora.

O circo agora parou na estrada.
Sem o elefante não somos nada!

Os astros choram. A lona inerme
Recobre o corpo do paquiderme.

Não se acha um outro. Nada mais resta
Para as cidades que esperam festa.

Não há saída. Não há futuro.
Ei-lo na estrada, espantoso e duro.

Na noite um bando que já não dorme
Está cavando um buraco enorme.

Por vezes Alexei atinge uma originalidade temática difícil de encontrar em outros poetas, como em ***"La Mort des Pauvres"***:

LA MORT DES PAUVRES

É muito ruim morrer tendo dinheiro,
Podendo, alegre, ir rápido a Paris.
Almoçar no Véfour, beber inteiro
Um lote de Bordeaux. Flanar, feliz,

Nos cais. Comprar um Dürer verdadeiro,
Uns bronzes do Ceilão, a flor-de-lis
De ouro real sobre um códice em carneiro,
Uns vasos gregos, e aí tomar pastis...

Bom é morrer falido, endividado,
Cortados gás e luz, o nome imundo
Na praça, todo crédito negado.

E, num nicho que alugue algum parente,
Mors omnia solvit, no mais vagabundo
Caixão, ser sepultado inadimplente.

O amor à poesia é expresso nesta singela quadrinha:

EX VOTO

Fora de ti, poesia,
Nunca vali um nada.
Que a tua mão sagrada
Me acene mais um dia.

Em **“Ad Coevos”** (**“Aos Colegas”**) Alexei professa a sua aversão ao mundo “concreto” e preferência pelo mundo onírico e secreto:

AD COEVOS

Vibrem outros com as formas mais concretas,
Com o palpável, o real, o aqui e o agora,
Seja lá o que for isso, com o de fora,
Que estou bem com as sonhadas e as secretas.

Estorçam-se a gozar nas rijas teses
Que começam e acabam nos sentidos.
Cruzo, e não só, os mares pressentidos --
De concreto me bastam minhas fezes.

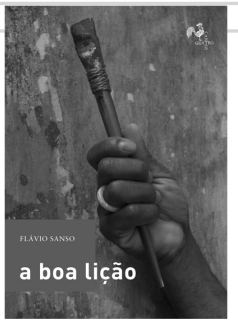
O poema **“Comédia”** evoca, em tom debochado (porque pessimismo sem humor se torna intragável), antigas crenças dualistas de que apenas o mundo espiritual teria sido criado pela divindade, enquanto o mundo material foi criado por um demiurgo ou demônio.

COMÉDIA

Um demônio, um demônio galhofeiro,
Criou num dia só o mundo inteiro.
Deus dormia – de Deus se espera o sono –
Deixando assim o Nada ao abandono.
No ensejo, o diabo infeccionou o Nada
Com a bactéria do Ser, que trapalhada!
O Inferno estava pronto, o Paraíso
Espera ainda o Dia do Juízo.
O Purgatório tosta almas sem conta,
Mas a fornada nunca fica pronta.
O Inferno apenas recebeu então
A sua primeira e última demão.
Eis-nos aqui. Bendito tudo seja!
Uivamos. Ri o diabo. Deus boceja.



Ivo Korytowski (1951) é filósofo, tradutor e escritor. Nasceu no Rio de Janeiro (RJ) e mora atualmente em São Paulo (SP).



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil
tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e
vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma
narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Quiz RelevO

Assinala a alternativa que julgas correta:



a) Quero assinar **ao** Jornal RelevO
b) Quero assinar **no** Jornal RelevO
c) Quero assinar **o** Jornal RelevO

Bate um retrato desta página com tua resposta e envia-o para:
contato@jornalrelevo.com

redemacuco.com.br
20 anos

POLTRONA 23

João Alexandre

Não era exatamente um senhor, apesar dos cabelos grisalhos. Vestia a camiseta amarela e verde da seleção brasileira com um óculos escuro pendurado na gola. Estava em pé, diante do casal que ocupava as poltronas 21 e 22 do ônibus da 0h15 com destino a São Paulo.

– Esse lugar é meu – dizia para o namorado que sentava na poltrona do corredor. – Olha aqui, 22.

O rapaz, sem sair do lugar, abriu seu celular e o mostrou ao senhor de amarelo.

– Mas o meu também é 22.

– Só que você comprou na internet. O meu tá impresso. É o meu lugar.

– Desculpa – falou o rapaz com a voz serena –, mas impresso ou digital, o bilhete é o mesmo.

– Você vai ter que falar com o motorista!

A namorada então interveio do assento da janela:

– VOCÊ vai ter que falar com o motorista.

Nenhum deles precisou se mexer porque, com o tom acalorado da discussão que se formava, o motorista parou de checar os passageiros que embarcavam e subiu dentro do ônibus para ver o problema.

– Boa noite, o que aconteceu aqui?

– Vocês venderam duas passagens pra mesma poltrona – respondeu o senhor amarelo. – Olha aqui, a minha poltrona é a 22 e a dele também.

O motorista observou o bilhete dele e o celular do rapaz.

– Já entendi o problema – foi dizendo o motorista. – A sua passagem é da 0h15 do dia 17. Hoje é dia 18.

– Como assim dia 18? Hoje é 17!

– Não, senhor. A sua passagem era para o ônibus de 24 horas atrás.

– Não faz sentido. Quando cheguei na rodoviária era dia 17.

– Entendo, mas depois da meia-noite é o outro dia. Agora é dia 18.

– ESSA É A SUA OPINIÃO!

– Não, senhor, é o relógio.

– E o que vocês vão fazer sobre isso?

– Se você puder esperar aqui fora até todos os passageiros embarcarem, a gente já resolve o problema.

Bufando palavras inaudíveis, o senhor amarelo desceu para fora.

Não era a minha primeira viagem de ônibus. Como todo bom antropólogo, não suporto pessoas. Assim, sempre que possível, compro a poltrona 23. A 23 fica na janela e, devido ao Jogo do Bicho, nove entre dez vezes, a 24, do corredor, fica livre.

Dessa vez não foi diferente.

Depois que todos os passageiros embarcaram, o motorista e o senhor amarelo voltaram para dentro do ônibus.

– Olha, senhor – dizia o motorista –, você pode se sentar aqui.

– Mas essa é a 24!

– Sim, e daí?

– E daí que é poltrona de viado. Eu tenho cara de viado?!

O motorista continuou:

– O ônibus precisa seguir viagem. Você pode se sentar aqui ou então trocar de passagem no guichê da Cometa.

– Eu não vou sentar na poltrona de viado.

Foi aí que o motorista dirigiu a palavra a mim:

– Você se incomodaria de trocar de lugar com ele, moço?

– Sim.

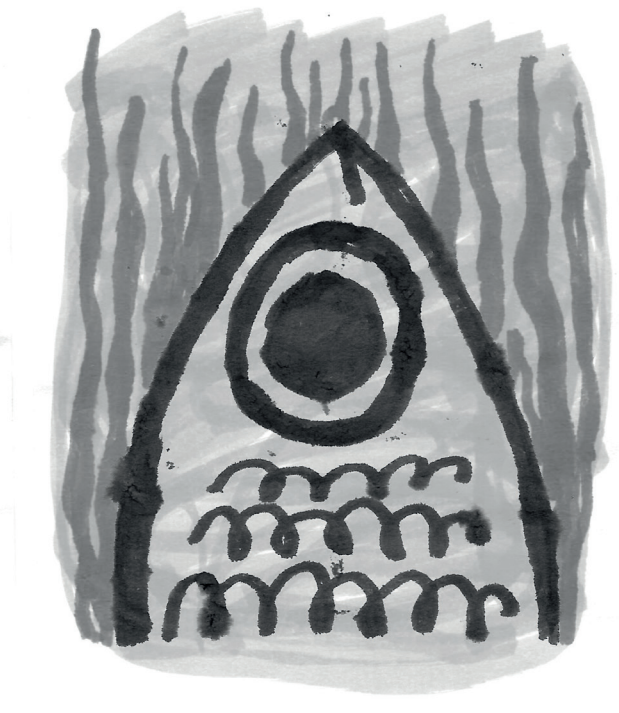
E então o senhor amarelo me dirigiu a palavra:

– Você também não é viado, né?

– Sou, sim – respondi. – Mas não tenho preconceito, você pode sentar aqui do meu ladinho. – Tasquei uma piscadela e um beijinho no ar.

Algumas risadas puderam ser ouvidas.

– Aqui eu não me sento! – disse o senhor amarelo para o motorista.



– Então você vai ter que trocar de passagem.

– Então eu vou fazer exatamente isso.

Os dois se encaminharam para fora quando a voz de uma velhinha se manifestou lá na frente:

– Moço, a poltrona ao meu lado está vazia.

– Muito obrigado, senhora – disse o motorista.

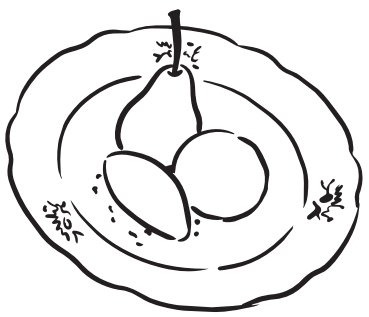
O senhor amarelo começou a se posicionar para sentar no lugar vago, mas, então, de supetão, esbravejou em alto e bom som:

– AH, NÃO. NA TREZE EU TAMBÉM NÃO ME SENTO!

João Alexandre (1995) é escritor. Nasceu em São Paulo (SP) e mora atualmente em Curitiba (PR).

PATO OSTERIA

ALIMENTO COMO EXPRESSÃO DE CULTURA



Rua XV de novembro, 2916,
Alto da XV, Curitiba, Paraná.

Terça e Quarta 19:30 às 22:00 | Quinta a Sábado 19:30 às 23:00



"Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gatão de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante"

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em www.caoseletras.com.br e na Amazon

RelevO
CAÇA-PALAVRAS

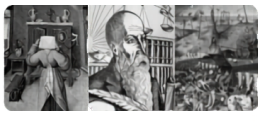
Graças ao caça-palavras do RelevO, já sei mais de 50 palavras

D	N	A	T	E	D	C	I	I	P	U	M	R	D	L	D	E	D
R	A	W	F	G	U	E	U	E	E	E	E	H	T	S	H	W	O
I	R	E	V	T	E	L	S	E	Y	R	Y	T	M	Y	E	F	S
Y	I	K	D	A	L	S	O	M	I	N	I	M	A	C	R	S	T
P	Z	O	L	B	B	N	O	E	I	T	A	L	I	C	O	H	O
A	S	S	A	D	G	O	N	E	A	M	N	R	A	A	O	F	I
K	D	H	E	Y	C	L	M	F	N	E	N	C	K	A	D	T	E
O	N	S	S	T	G	U	D	A	T	R	F	W	O	O	P	E	V
V	U	T	R	O	T	L	N	N	C	R	I	N	V	A	L	N	S
I	U	H	I	E	O	R	T	C	E	N	A	O	S	G	A	D	K
N	O	T	A	N	C	L	S	N	N	P	O	E	K	U	T	W	I
A	N	V	G	A	A	O	U	R	C	T	N	S	I	A	T	P	C

1. Escritor famoso, autor das obras *Os Irmãos Karamazov* e *Crime e Castigo*
2. Utensílio de cozinha usado por Dostoievski para lidar com alimentos líquidos, sopas e caldos
3. Recheio típico do pãozinho do café da manhã, de acordo com Nikolai Gógol
4. Poeta russo com nome de civilização mesoamericana
5. O contrário de Mínimo Sladkiy
6. Bebida que todos os russos bebem
7. Recurso tipográfico abominado por Vladimir Nabokov



Museu do Livro Esquecido
Museu e gabinete de leitura para a história do livro





"O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões", exposição prorrogada até novembro de 2026!
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo – SP, 01513-030
(11) 91853-6231
museudolivroesquecido@gmail.com
@museudolivroesquecido



Rascunho de domingo

Angélica Ferreira Silva

Era fim de tarde de terça-feira. Arthur chegou em casa cansado, como sempre chegava do serviço. O trajeto era um rastro de memória muscular: o mesmo assento no ônibus, o mesmo desvio da poça perto da calçada. Pegou as chaves do bolso e destrancou o portão. Decidiu destrancar também a caixa de correio. A conta de luz havia chegado, assim como um panfleto de pizzaria. Entre esses papéis, repousava um envelope de textura aveludada, pesado, com uma fita de cetim preta cruzando o papel creme.

Dentro, a caligrafia era impecável: *"A família de Arthur P. Ramos convida para a cerimônia de despedida e sepultamento. Domingo, às 15:00. Cemitério das Oliveiras, Jazigo 42. Favor não enviar flores; Arthur preferia silêncio."*

Arthur soltou uma risada seca. "Uma brincadeira de muito mau gosto", pensou. Ele estava vivo, sentia o pulso firme e o peso do cansaço nos ombros. Deixou o convite sobre a mesa da cozinha, jogou a mochila no sofá e começou a pensar no que prepararia para a janta. Acabou fritando um ovo e comendo direto da frigideira. Olhando para o convite, ele se sentiu observado por algo – mesmo que fosse apenas por um pedaço de papel.

No dia seguinte, ao tentar pagar o almoço, um prato feito que ele comia toda quarta-feira no mesmo restaurante da esquina, o cartão foi recusado três vezes. "Código 04", disse o garçom com um olhar de estranha piedade. Arthur ligou para o banco.



– Sinto muito, senhor – disse a atendente, sua voz soando como se viesse de muito longe. – Esta conta foi encerrada ontem às 17h por óbito do titular.

– Mas eu estou falando com você! Eu sou o titular!

– Entendo, senhor. Mas o sistema é claro. Meus pêsames. –Assim a ligação se encerrou. Arthur ficou parado, o celular ainda no ouvido por um tempo. Isso era inadmissível.

Quinta-feira, Arthur chegou ao escritório e não cumprimentou ninguém. Era um hábito ignorarem sua presença até que precisassem de uma planilha. Ao sentar-se, viu que seus colegas olhavam para as telas com olhos marejados. Um e-mail geral acabara de ser enviado: *"É com profundo pesar que comunicamos a partida precoce de nosso colega Arthur".* Ele gritou que estava ali, bateu na mesa, derrubando sem querer o porta-canetas de metal. Já estava muito irritado com essa história. Ninguém desviou o olhar.

Na sexta-feira, ele não foi trabalhar. Passou o dia fazendo uma boa faxina. Encontrou uma foto antiga entre os livros: ele aos dez anos, com um sorriso largo e um corte de cabelo que a mãe insistira. A imagem trouxe uma memória de verão, de um rio onde aprendera a nadar, e por um segundo ele sentiu a criança que fora – curioso, cheio de planos – olhando para o homem que se tornara. A faxina virou tentativa de ordenar não só a casa, mas também as lembranças que se acumulavam como pó. Terminou sentado no chão da sala, vendo a poeira dançar nos raios de sol. Ele ligou para a mãe sete vezes. Na oitava, ela atendeu.

– Alô? – a voz dela estava rouca, parecia ter chorado.

– Mãe! É o Arthur! Eu estou bem, houve um erro! – Houve um silêncio do outro lado.

– Alô? – ela repetiu, entre soluços. O clique do telefone desligando soou como o martelo de um juiz. Arthur chorou, mas não encontrou muitas lágrimas.

O sábado foi o dia mais longo. Ele saiu para caminhar logo de manhã sem um destino certo. Passou por lugares que guardavam fragmentos de sua vida: a banca onde comprara doces, a sorveteria onde tivera o primeiro beijo, a praça onde, anos atrás, lera um livro inteiro até o sol se pôr. Cada esquina parecia sussurrar uma versão de si mesmo.

Andando, as pessoas esbarravam nele, dado os últimos acontecimentos daquela semana, tudo era completamente assustador. Decidiu voltar para casa a passos rápidos, quase correndo, e se afundou no sofá, sem saber o que esperar do dia seguinte.

O domingo amanheceu com um sol cruelmente brilhante.

Arthur não vestiu seu melhor terno; vestiu o que usava todos os dias: camiseta e calça jeans. Caminhou até o Cemitério das Oliveiras. O jazigo 42 estava cercado. Viu seu chefe, seus poucos amigos e a ex-namorada que não via há anos. Todos choravam por um Arthur que ele mal reconhecia nas histórias sussurradas – um Arthur que parecia ter sido muito mais amado e interessante do que o homem que ele realmente fora. Era estranho: precisou morrer para que as pessoas notassem sua falta.

Ele se aproximou do caixão, o coração martelando contra as costelas como um animal enjaulado. Olhou para dentro.

O homem deitado ali era ele. Mesma cicatriz na sobrancelha, mesmo cabelo ralo. Mas havia uma serenidade naquele rosto que Arthur nunca sentira. O Arthur morto parecia ter se livrado de um peso invisível. Ele parecia, ironicamente, muito mais vivo do que o Arthur que observava do lado de fora. O defunto tinha um semblante de quem finalmente havia terminado um trabalho exaustivo.

– Ele chegou na hora certa, não acha?

Arthur deu um pulo. Um coveiro de meia-idade, com o rosto sulcado como a terra que cavava, estava ao seu lado, apoiado em uma pá. Era o primeiro par de olhos que realmente o enxergava em dias.

– Isso é um erro – balbuciou Arthur. – Eu estou aqui. Eu respiro.

– Respirar é um hábito, rapaz. Viver é outra coisa – o coveiro deu de ombros. – O Arthur que o mundo conhecia, aquele que só cumpria horários e esquecia de olhar o céu, esse morreu faz tempo. O convite foi só uma formalidade burocrática do destino. Sua alma pediu demissão antes do seu corpo, entende?

Arthur olhou para a multidão que começava a se dispersar. Ninguém notou o homem de pé ao lado da cova.

– E agora? O que eu faço? Não tenho conta no banco, não tenho emprego, minha mãe acha que virei lembrança... eu não sou ninguém.

O coveiro sorriu, revelando um dente de ouro que brilhou ao sol.

– Exatamente. Ninguém. Você acaba de ganhar a coisa mais valiosa do mundo, Arthur: uma folha em branco. O morto está ali no caixão. E você? Você é só um rascunho.

Enquanto o coveiro falava, Arthur sentiu as palavras abrirem uma fresta dentro dele. Lembrou-se de promessas que fizera a si mesmo e que nunca cumprira: aprender a tocar violão, visitar a irmã que morava em outra cidade, escrever cartas para pessoas que o ajudaram no passado.

Ele olhou a cena de novo. Sentiu um frio na espinha, seguido por uma leveza tão súbita que quase o fez flutuar. Ele deu as costas ao jazigo e começou a caminhar em direção à saída do cemitério. Não sentia mais o peso da mochila imaginária que carregava há anos. Cruzou o portão de ferro sem olhar para trás. Ele não tinha para onde ir e, pela primeira vez na vida, isso não parecia um problema.

Nanni Falconi
Tradução de Xavier Vásquez Freire

O POETA

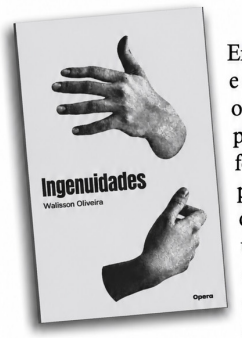
O poeta é cego,
e um mentiroso atrevido.
Quando fala de amor não vê,
mas muda uma pequena realidade
em visões celestiais, e em jardins floridos
pelas hortas inférteis onde vive.
Ele rouba dias ensolarados para a sua amada,
frescos como ar de neve,
mostra a ela as gotas que pingam do pingente de gelo,
e os momentos da noite que abrem a porta ao dia,
e pinta ela nua como uma rosa orvalhada na cama onde ela se deita.
Usa como um pincel cantos de corruíra
e os amores das raposas,
as penas das pombas,
e toma café da manhã junto com ela
com colheradas de um iogurte caseiro sardo.

SU POETÈ

Su poete est tzurpu,
e unu faulàrgiu caricotu.
Cando arresonat de amore non bidet,
ma mudat una realidade meschina
in bisos tzelestiales, e in giardinos froridos
sos sartos apoderados ue bivet.
Furat dies solianas pro s'amada sua,
friscas che àeras de nie,
mustrat de su candelote sos pèrperes gùtios,
e sos momentos chi su note iscanzat sa ghenna a sa die,
e la pintat nuda che rosa allentorada in su letu ue si corcat.
Impitat che unu pinzellu càntigos de ciddicoa
e sos amores de sos matzones,
sas pumas de sas palumbas,
e ismurzat impare cun issa
cun crogargiadas de gioddu dae su puale.

Nanni Falconi (Pattada, Sardenha, 1950) é um escritor, poeta e tradutor em sardo, de profissão pastor de ovelhas. Como autodidata, estudou profundamente a literatura em língua sarda. Autor de romances como *Su Cuadorzu* (2003), *Sa gianna tancada* (2005), *Miali Pintus* (2022) e *Uomini e trincee* (2026), e de obras de poesia como *Su grodde bos at a contare de me* (2019) e *Su cantu de su ciddicoa* (2023). Traduziu para o sardo *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, denominado *Coro de iscurigore* (2002).

Xavier Vásquez Freire é professor de línguas, poeta, tradutor e livreiro. Nasceu na Corunha, na Galiza. Mora desde 2013 em Curitiba (PR).



Entre a memória da infância e a consciência da finitude, os poemas de *Ingenuidades* percorrem os caminhos da formação, dos afetos e das perdas. As pequenas coisas do cotidiano compõem um universo em que a lembrança se torna matéria viva, atravessada pelo tempo e atravessada pelo tempo e por suas contradições. Com uma linguagem que aproxima a oralidade geraizeira, o humor e a experimentação formal, os versos transformam cenas aparentemente banais em perguntas sobre a existência, a solidão, a desigualdade e a morte. Entre a ternura e o desconcerto, a coletânea investiga aquilo que continua quando o mundo muda: os vestígios de quem fomos, a ausência de quem amamos e a persistência, nem sempre ingênua, de continuar vivendo.

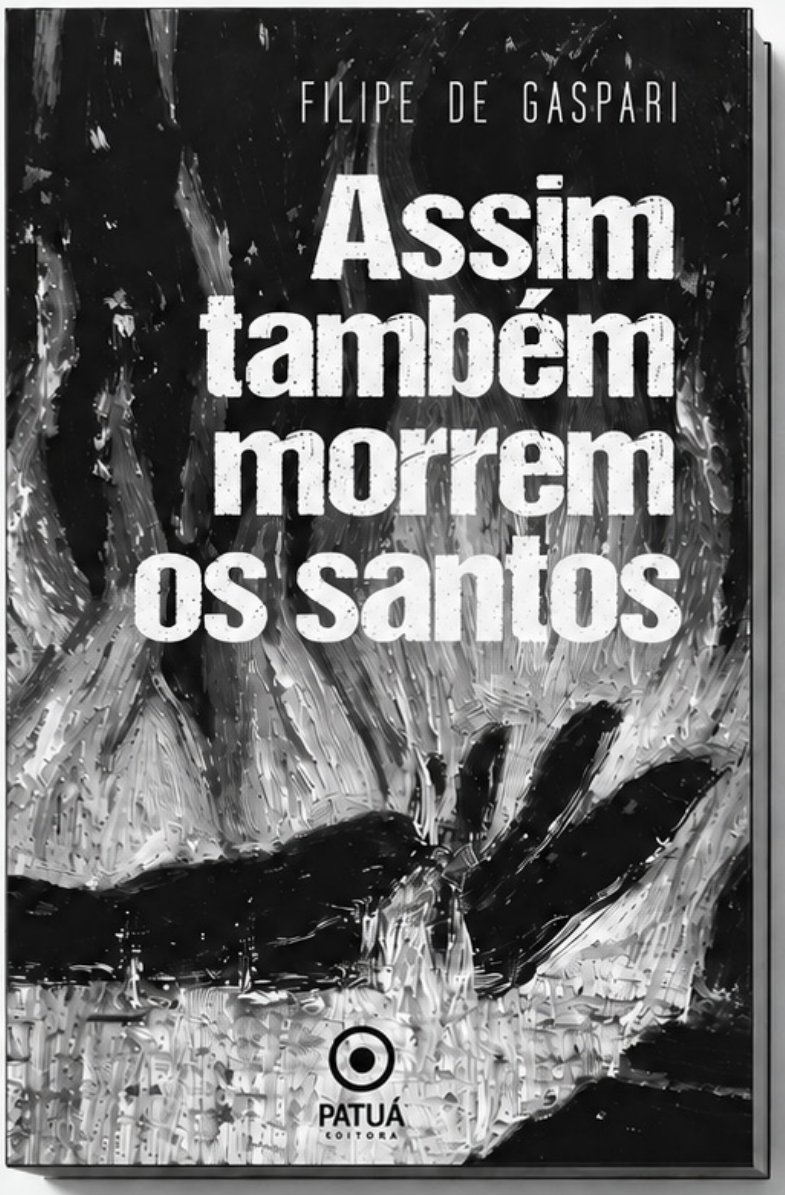
Ingenuidades
(Opera Editorial, 2026)
Walisson Oliveira

R$ 44 (62 páginas)

operaeditorial.com.br/produto/ingeuuidades

O segundo livro de poemas de Filipe De Gaspari (Editora Patuá) mistura delicadeza com intensidade. Tratando de temas universais, como amadurecimento, medo, amor, erotismo, angústia e religiosidade, experimentações com a linguagem operam como auxiliares fundamentais na compreensão do sentido profundo da enxurrada imagética que atravessa todos os poemas.

Em *Assim também morrem os santos*, os leitores de poesia encontrarão uma intensa carga de lirismo, ao passo que os leitores de prosa terão narrativas competentes ao alcance das mãos.





POEMA EM PROSA

Confira o poema em prosa "*Assim também morrem os santos*", que dá nome ao livro:

Quando ela deixou o ninho, ele procurou uma caixinha mais confortável, mais vistosa, para realocar os ovos – um por um. A outra, éspera e rude. Mas logo rompe o grito: "Quem mexeu?!". Mulher sábia e simples, a esposa do caseiro. Os olhos rútilos – do mesmo vermelho dos pintinhos, que começaram a nascer, mas os olhos dela eram menos informes. Silenciosos. "A mãe rejeita quando mexem no ninho", disse. Ela: pegou a caixa, levou-a mato adentro, regou-a com álcool, riscou o fósforo. Ele: de coração abortado, o pranto em brasa.

COMO ADQUIRIR?

O livro está disponível no site da Editora Patuá:
www.editorapatua.com.br
e também na Amazon.

PATUÁ
EDITORA

Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

5 PAÍSES • 138 CIDADES • 463 PONTOS

Alagoas
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá
MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira

Bahia
FEIRA DE SANTANA
SerTão Doce
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal
BRASÍLIA
Circulares Livraria
Livraria Minú
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
Paradeiro 309
GUARÁ
Mokado Lab de Cafés
SANTO ANDRÉ
Café Engenharia

Espírito Santo
ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar
SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goiás
GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear

Maranhão
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Hámor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Domus Brasilis Livraria
Maru Café Especial
Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico

Pará
BELÉM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
Mun Café
SOLÂNEA
Binário Café

Paraná
ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
CAMBÉ
Espacio La Mezcla
CIANORTE
Café 513
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bar do Dante
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Bar Stuart
Barleria
Biblioteca Pública do Paraná
Bonin Bakery
Botanique Oásis
Brains Coworking
BrauBrau
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Encantado
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Cataia Bar
Centro Portfolio de Fotografia
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Emily Doces
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grimm Haus Sebo & Livraria
Hype Brasil
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
JoyJoy Café
Kaffe-Kantate Cafés Especiais
Klas Café Torrefação & Cafeteria
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria do Chain
Livraria Vertov
Love City
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Macro Bar e Pista
Mad Jack Beer Lab
Mafalda Café e Bistrô
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Cafés (Bigorrilho)
Manana Cafés (Centro)
Manekos Bar
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador
O Próximo Café
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Onça Bêbada
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Oz Chocolate
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Cat
Purple Reis
Quintal do Almirante
R7 Pub
Raízes Culturais Cozinha Afetiva
Rango de Planta
Rause Café + Vinho
Revistaria Bom Jesus
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Royalty Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Schnaps Bar
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
Sebo Urucum
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaíra Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tumi Café
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UP Santos Andrade
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Velvet Bolo
Vicafé
Viva la Vegan
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
Tamura Café Especial
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
SARANDI
Espaço Musical Roberto Rezende

Pernambuco
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí
TERESINA
Café Quatro Estações

Rio de Janeiro
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NITERÓI
Livraria Ponte
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Genipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria de Paraty
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
Montañita Cafés Especiais
RIO CLARO
Empório Rûže
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Beleléu Comics
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Livraria Flamingo

Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PELOTAS
Livraria Vanguarda Pelotas
PORTO ALEGRE
Ábaco Distribuidora e Livraria
Brasa Editora Livraria e Bar
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria
RIO GRANDE
Livraria Vanguarda Rio Grande
Livraria Vanguarda Partage Shopping
SANTA CRUZ DO SUL
Livraria e Cafeteria Iluminura
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas
VILHENA
Dom Quixote Livraria

Roraima
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiá Café ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
Letraria Livros
Livraria Latinas
O Barbeiro e O Poeta
JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém

São Paulo
AMPARO
Livraria Maria & Francisca
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOITUVA
Sebo Bom & Barato
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
Coelho Branco Café Secreto
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
lluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ILHABELA
Livraria Canoa Ilhabela
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
POÁ
Rara Books Livraria
RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria Mantiqueira
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Antroposófica Editora e Livraria
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla
Boutique dos Livros
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasilis
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Clarice Café & Cozinha
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Espaço Sophia
Figa Livraria
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
La Librería
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraíbas
Librería Española e Hispanoamericana
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Footnoir
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distro
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Sebo Tucambira
Sebusp Livros
Selecta Livros
Siriema Coffee Roasters
Sissi Café Secreto
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe
ARACAJU
Livraria Escariz

Tocantins
PALMAS
Sebo da Vovó

Além das fronteiras
ESSEN (ALEMANHA)
Pension Pötters
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Librería de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Libros

Gabriela Mistral

Tradução de Ruth Sylvia de Miranda Salles

DÁ-ME TUA MÃO

Dá-me tua mão, e dançaremos;
dá-me tua mão e me amarás.
Como uma só flor nós seremos,
como uma flora, e nada mais.
O mesmo verso cantaremos,
no mesmo passo bailarás.
Como uma espiga ondularemos,
como uma espiga, e nada mais.
Chamas-te Rosa e eu Esperança;
Porém teu nome esquecerás,
Porque seremos uma dança
sobre a colina, e nada mais.

Gabriela Mistral foi poeta, educadora e diplomata. Nasceu em Vicuña (Chile) em 1889 e morreu em Hempstead (Estados Unidos) em 1957.

Ruth Sylvia de Miranda Salles foi poeta, tradutora, dramaturga e educadora brasileira. Nasceu em Araraquara (SP) em 1928 e morreu em São Paulo (SP) em 2001.